

UNIVERSIDADE DE LISBOA



**“ENTRE A SALA DE AULA E A VIAGEM – O DIÁRIO GRÁFICO COMO
AUXILIAR NA APRENDIZAGEM DOS CÓDIGOS DE EXPRESSÃO
VISUAL PRESENTES NAS DISCIPLINAS ARTÍSTICAS E NO
QUOTIDIANO”**

Vasco Araújo Pires Coelho

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA



**“ENTRE A SALA DE AULA E A VIAGEM – O DIÁRIO GRÁFICO COMO
AUXILIAR NA APRENDIZAGEM DOS CÓDIGOS DE EXPRESSÃO
VISUAL PRESENTES NAS DISCIPLINAS ARTÍSTICAS E NO
QUOTIDIANO”**

Vasco Araújo Pires Coelho

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo Professor Doutor Jorge
dos Reis

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

2014

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador Doutor Jorge dos Reis pela sua disponibilidade, interesse, motivação e paciência.

À professora cooperante Doutora Dora Iva Rita pela energia positiva, pela amizade, e por tudo o que me ensinou.

Aos alunos da turma 7^{2ª}, da Escola Gil Vicente em 2011/2012, pelo interesse, motivação, empenho, e curiosidade na participação nesta unidade didática.

Aos meus pais e irmãos por estarem sempre presentes para me apoiar a tantos níveis.

Aos companheiros deste mestrado pela partilha e entajuda ao longo deste percurso.

A todos o meu agradecimento!

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADO

RESUMO

Autor: Vasco Araújo Pires Coelho

Será o desenho em diários gráficos uma forma inovadora de transmitir os conteúdos das disciplinas de componente artística do 3º Ciclo do Ensino básico, fazendo com que os alunos adquiram novas competências na área da educação e cultura visuais?

O presente estudo foi realizado na Escola Secundária com 2º e 3º Ciclo de Gil Vicente, numa turma de 11 alunos na disciplina de Oficina de Expressão Plástica do 7º ano de escolaridade. Foram propostos vários exercícios, não só de desenho, mas também característicos do uso de diários gráficos, onde se trabalhou o registo com base na observação direta. Com estes exercícios, tentou-se averiguar de que modo os diários gráficos podem, simultaneamente, contribuir para o desenvolvimento de competências específicas na disciplina de Oficina de Expressão Plástica e melhorar a capacidade de observação e representação da realidade envolvente.

Palavras-chave: desenho, diários gráficos, observação, cultura visual.

SUPERVISED PRACTICE REPORT

ABSTRACT

Author: Vasco Araújo Pires Coelho

Is the act of drawing on graphic diaries an innovative way to transmit the contents of the disciplines of artistic component of the 3rd cycle of basic education, enabling students to acquire new skills in the area of education and visual culture? This study was conducted at the High School with 2nd and 3rd cycle of Gil Vicente, with a group of 11 students in a class of Oficina de Expressão Plástica (7th grade). Several exercises were proposed, not only in drawing but also characteristic of the use of graphic diaries, where we worked the registration based on direct observation. With these exercises, we tried to determine how the graphic diaries may simultaneously contribute to the development of specific skills in the discipline of Oficina de Expressão Plástica and improve the ability of observation and representation of the surrounding reality.

Key-words: drawing, graphic diaries, observation, visual culture.

Índice

INTRODUÇÃO	2
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
1.1 Desenho em diários gráficos e Cultura Visual	5
1.2 O paradigma educativo Cultura Visual e a sua aplicação na abordagem ao ensino artístico.....	8
1.3 O conceito de diário gráfico apresentado pelos seus autores	11
1.4 A disciplina de Oficina de Expressão Plástica	13
1.5 Nota conclusiva	14
2. METODOLOGIA	16
2.1 Contexto: A escola Gil Vicente	16
2.2 Caracterização da turma	17
2.3 O uso de diários gráficos em aula	19
2.4 A Unidade Didática: “Diários Gráficos” – Planificação	21
2.5 Metodologia de trabalho	21
2.6 Competências a desenvolver.....	25
2.7 Materiais a utilizar pelos alunos.....	26
2.8 Materiais didáticos	28
2.9 Os exercícios	30
2.10 Avaliação e critérios.....	40
3. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
3.1 Aprendizagens e modos de trabalho desenvolvidos	42
3.2 Descrição das aulas	42
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXOS.....	50
ANEXO I – Planificação de Unidade didática: Diários Gráficos.....	50

ANEXO II – Critérios de avaliação da Escola Gil Vicente na disciplina de Oficina de Expressão Plástica	52
ANEXO III – Apresentação em PowerPoint sobre perceção visual, perspetiva, e modelos de desenho (resumo)	53
ANEXO IV – Apresentação em PowerPoint sobre diários Gráficos	57
ANEXO V – Questionário sobre diários gráficos	58
ANEXO VI – Manifesto/reflexão sobre Diários Gráficos	59
ANEXO VII – Blogue “Desenhos à solta” (www.desenhosasolta.blogspot.com)	60
ANEXO VIII – Exercícios propostos.....	61
ANEXO IX – relatório da actividade pedagógica e didáctica do estagiário mestrando Vasco Coelho pela professora cooperante do Grupo 600, Dora Iva Rita.....	65

INTRODUÇÃO

O presente relatório incide sobre o trabalho levado a cabo pelo Mestrando Vasco Coelho no ano letivo de 2011/12, na elaboração e desenvolvimento de uma Unidade Didática denominada “Diários Gráficos”. A estratégia educativa foi aplicada numa turma a frequentar a disciplina de Oficina de Expressão Plástica do 7º Ano, constituída por 11 alunos com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. As aulas decorreram entre 09 de Fevereiro de 2012 e 14 de Junho de 2012, num total de 17 sessões de 90 minutos na Escola Gil Vicente, situada em Lisboa, no bairro da Graça, e tiveram o acompanhamento e apoio da professora cooperante Dora Iva Rita.

O estudo apresentado neste relatório visa mostrar a forma como os diários gráficos podem contribuir para a aprendizagem dos códigos visuais e a fruição do património artístico e cultural. O Programa de Oficina de Expressão Plástica, do 7º ano de escolaridade, tem como objetivo uma sensibilização e introdução a esses mesmos códigos de comunicação visual e, com o uso dos diários gráficos, procura-se introduzir numa forma experimental os princípios subjacentes à linguagem visual.

João Catarino (2012)¹ fala num decifrar das formas e dum encantamento pelas formas, e foi por considerar que os diários gráficos podem ser o veículo ideal para atingir esse propósito, que optei por este meio de expressão, para incutir nos alunos o gosto pelo desenho de observação, por oposição ao medo de desenhar que muitas vezes encontramos em alunos de 7º Ano. Por outro lado, o diário gráfico coloca o desenho num patamar de uma enorme importância perante uma paisagem visual que envolve já não só as Belas Artes, mas também as outras formas de expressão (visual mas não só). A imagem é hoje omnipresente, na publicidade, através das câmaras de vigilância, na comunicação através da internet, televisão e telemóveis, e no entretenimento, com os centros comerciais e parques temáticos (Duncum, 2009). As formas de expressão visual contemporâneas são híbridas, envolvendo som e imagem, e os mais variados suportes. O entendimento desta forma de comunicar levou a alterações nos paradigmas educativos, sendo que o paradigma que se denominou de

¹ João Catarino é um professor de desenho e ilustração que mantém um blogue de desenhos de viagem em <http://desenhosdodia.blogspot.com/>. É também um elemento do coletivo Urban Sketchers. As viagens e o surf são dois dos seus principais interesses, algo que expressa nos seus diários gráficos, outra das suas paixões a par do ensino onde, nas suas palavras, mais que ensinar a desenhar procura "ensinar a ver".

Cultura Visual defende uma utilização dos novos media, e uma reflexão sobre a forma como estes se integram na paisagem urbana e a moldam (Duncum, 2004).

Como conjuguei tudo isto, a estrutura teórica da Cultura Visual, a aprendizagem do desenho e os diários gráficos? Os diários gráficos serviram para introduzir uma série de questões sobre produção de imagens e seu significado, a par de exercícios mais formais de aprendizagem do desenho. Foi através dos diários gráficos que procurei que os alunos associassem o desenho à sua realidade, se interessassem por esta e pela aprendizagem dos seus códigos visuais, e encontrassem no desenho uma forma de estar mais atento às imagens com que se confrontam no dia-a-dia. O próximo passo (o passo que alguns alunos começaram já a dar) será perceberem que podem desenhar as suas próprias histórias, reflexões, pensamentos, ideias nos seus cadernos.

Esta Unidade Didática foi sobre desenho, e sobre como desenhar em diários gráficos, e este foi o ponto de partida para o colocar de questões que é a base de um método de ensino em que, mais que os resultados materiais, interessam os processos desenvolvidos durante o projeto proposto. Dito de outra forma: a metodologia da Cultura Visual organiza o currículo escolar por projetos de trabalho, e neste caso o projeto passou por construir diários gráficos, mas a descoberta e a reflexão sobre o que é um diário gráfico, feita de forma participada por cada aluno, tornou-se o mais importante nesta relação de aprendizagem, e não os desenhos finais ou o objeto “diário gráfico”.

Ao longo deste relatório irei apresentar os exercícios e os meios através dos quais tentei que os alunos desenvolvessem uma prática mais consequente de desenho, primeiro, e depois de desenho em diários gráficos, um desenho de características específicas. O primeiro desafio nesta proposta foi adequar um suporte que está mais associado à viagem (os diários gráficos são também por vezes chamados de diários de viagem) a uma situação mais formal como uma aula, habitualmente desenvolvida num só local, num espaço fechado. De qualquer forma, não poderia, de forma imediata, colocar os alunos a desenhar no diário gráfico no seu caminho para a escola, nas suas viagens, documentando o seu dia-a-dia. O caminho para chegar ao uso do diário gráfico foi gradual, começando na aplicação de exercícios de iniciação ao desenho em folhas soltas, passando depois ao desenho nos

diários gráficos (cadernos produzidos para esse efeito) na sala de aula, no espaço da escola, e finalmente desenhando em grupo na rua, em visita de estudo pelo bairro da Graça. Propus também exercícios individuais feitos em viagem, como trabalho de casa, sendo os desenhos que alguns alunos fizeram de forma espontânea nos seus diários gráficos, fora do contexto escolar, aqueles que melhor se enquadram no uso dos diários que procurei promover.

Ao longo deste relatório procurarei descrever a forma como decorreram as aulas, num método de ensino em que partimos, professor e alunos, à descoberta de um tema, os diários gráficos, pesquisando autores e suas ideias e métodos de trabalho, selecionando a informação mais pertinente e refletindo sobre esta de forma a encontrarmos o nosso próprio posicionamento sobre o tema e testarmos uma possível aplicação do diário gráfico em aula e no dia-a-dia.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Desenho em diários gráficos e Cultura Visual

Neste capítulo inicial, procurarei estabelecer os pontos de contacto entre o uso dos diários gráficos e a metodologia educativa preconizada pela Cultura Visual, sendo que os conceitos essenciais da Cultura Visual podem ser postos em prática nestes cadernos de expressão gráfica, também denominados de diários de viagem. Para clarificar este ponto de vista, irei apresentar as ideias de um dos teóricos da Cultura Visual, Fernando Hernández², fazendo ao mesmo tempo um paralelismo entre cada um dos aspetos que, segundo Hernández, caracterizam o ensino nos moldes da Cultura Visual, com as características dos diários gráficos, tal como foram sendo apresentadas e discutidas nas aulas que lecionei. Hernández propõe três transgressões relativamente a um ensino tradicional: em primeiro lugar, um afastamento relativamente à ideia da uma escola de conteúdos estáveis e universais. Pelo contrário, a educação escolar deve ser realizada por projetos de trabalho em que o conhecimento se apresenta como “realidades socialmente construídas” (Hernández, 1998). O diário gráfico é entendido pelos seus autores como o lugar de construção destas “realidades socialmente construídas” (referindo-se estes a uma experimentação da realidade envolvente, expressa através do desenho). Quando aplicado nas aulas, pode ser uma forma de ultrapassar a noção de conhecimento como algo a ser transmitido pela Escola e memorizado pelo aluno; segunda transgressão proposta por Hernández: deixar de reduzir o processo de ensino/aprendizagem a uma sequência de habilidades cerebrais que o aluno deve executar de forma a possibilitar a obtenção de conhecimento, e passar a ter em conta o papel da afetividade na aprendizagem e a atenção que a Escola deve dar à formação da personalidade do aluno (Hernández, 1998). O diário gráfico será mais uma ferramenta para a ligação de aprendizagem e afetividade, e para o explanar, num ambiente seguro, da personalidade de cada aluno/autor de diário; a terceira

² Fernando Hernández é doutorado em Psicologia e professor de Educação das Artes Visuais e dos Estudos de Cultura Visual da Universidade de Barcelona. Defende a reorganização do currículo educativo por projetos em vez das tradicionais disciplinas, com atuação conjunta de alunos e professores.

transgressão de que fala Hernández relaciona-se com a necessidade da Escola superar a divisão dos conteúdos do currículo escolar em disciplinas, optando antes por uma transdisciplinaridade que implica uma mudança na gestão do tempo e no espaço na escola. Como interpretei esta transgressão, e procurei aplicá-la nas aulas, foi mais uma vez com o uso do diário gráfico. Este implica um uso flexível do tempo, pode e deve ser desenvolvido em diversos espaços, e transporta em si a possibilidade de integrar um conhecimento mais amplo, e não específico de uma disciplina. Não podendo fugir aos tempos escolares definidos, as aulas evoluíram no sentido de termos momentos em que saímos do espaço da sala de aula e mesmo da escola para desenhar a realidade envolvente.

O diário gráfico, sendo um suporte móvel que permite registar o que se vê em qualquer local, torna-se um excelente recetáculo da experiência proposta pelos defensores da cultura visual. Duncombe³ (2002 segundo Darts, 2004) afirma que a maioria das pessoas que vivem em economias de consumo, são habituadas a que a política, os produtos e o entretenimento sejam realizados por outros. Este processo leva a uma mercantilização da cultura, e o diário gráfico pode ser um espaço de pensamento crítico sobre este fenómeno, além de permitir interpretar a realidade circundante. Para se conseguir este tipo de reflexão será indispensável uma distância, “afastar-se do efémero bombardeio de imagens que produz a realidade contemporânea” (Claudio Patanè citado em Linhares & Teives, 2011, p. 8). Também Patanè afirma que se “pode copiar sobre um diário, escrever, inventar, projetar. É também uma forma de falar consigo mesmo, em silêncio”. Segundo Duncum (2003), numa sociedade enquadrada pelo consumismo e saturada por imagens, torna-se essencial que exista a possibilidade de refletir e de responder a essas imagens. Na minha opinião, o diário gráfico abre essa possibilidade... “fazer um rabisco ou outro, anotar frases e ideias, permite guardar num só objeto- o caderno – observações particulares sobre as coisas... interessa-me o diário enquanto método mas sobretudo enquanto objeto, resultado final que revela a atividade sistemática de guardar, acumular, observar e descrever” (Daniela Rodrigues citada em Linhares & Teives, 2011, p. 12). O facto do diário gráfico ser um objeto híbrido, onde tanto se guardam

³ Stephen Duncombe ensina história e política dos meios de comunicação na Universidade de Nova Iorque. Ele é autor ou editor de seis livros, incluindo *Dream: Re-Imagining Progressive Politics in an Age of Fantasy* e *Cultural Resistance Reader*. Duncombe é um ativista político, co-criou a Escola de Ativismo Criativo em 2011 e atualmente é co-diretor do Centro de Ativismo Artístico, em Nova Iorque.

imagens de obras de arte como de postais, bilhetes, como anotações escritas, desenhos, colagens, representações de objetos do dia-a-dia, desenhos de viagens, imagens retiradas da internet, da publicidade, torna-o um veículo de exploração dos vários códigos visuais através dos quais nos movemos e aos quais atribuímos sentido. A metodologia proposta pela Cultura Visual desafia-nos a estudar esta paisagem visual complexa, que não é puramente visual, mas uma mistura de textos, sons e imagens. Não existe uma linguagem única mas um conjunto de linguagens com os seus códigos próprios, com que nos confrontamos no nosso quotidiano. O diário gráfico pode ser um suporte para este encontro com as formas do dia-a-dia. Catarino fala duma cegueira, “andamos nos locais, mas não vemos realmente as coisas, não compreendemos e não nos deixamos encantar pelas formas” (Catarino, 2012). Ao desenharmos no caderno, estamos também a estruturar um pensamento sobre o que vemos, e a ter uma experiência que deixa uma memória mais duradoura do que se apenas estivermos distraidamente num local, ou mesmo se tirarmos fotografias. O diário gráfico obriga-nos a olhar de forma concentrada para as imagens, e desta forma contribui para o enriquecimento da nossa cultura visual. Mais uma vez volto a Hernández, e a um conceito central na Cultura Visual, o conceito de Globalização, que Hernández apresenta em três eixos: globalizar como capacidade de estabelecer relações, explorar e interpretar o real na sua globalidade; compreender que a realidade é multidimensional, deve ser entendida num todo; em terceiro lugar, o currículo deve relacionar o ‘conteúdo’ escolar com situações da vida quotidiana dos alunos e professores (Hernández, 1998). Estas ideias, centrais no paradigma educativo, cultura Visual, são ainda hoje raramente aplicadas na Escola. O tema do diário gráfico será um bom “laboratório” para experimentar esta forma de abordar a aprendizagem dum ponto de vista da globalização, pois é um tema em que existe sempre a procura de relacionar várias formas de conhecimento com uma abordagem da vida quotidiana, explorando o real “um desenho de cada vez” (Urban Sketchers). Por outro lado, é um tema que se tornou coletivo com o surgimento inúmeros blogues, e encontros de desenhadores em diários gráficos, sendo por isso adaptável à Escola. Digamos que o diário gráfico pode entrar na Escola e fazê-la sair um pouco do seu espaço isolado do mundo exterior. “Muito importante também no caderno é o fator de experimentação. O caderno é um espaço de liberdade, pode-se experimentar o que se quiser, registar, materiais, tudo... quando não se gosta, risca-se, passa-se à

frente. É uma espécie de laboratório portátil, é como se levássemos o nosso estúdio connosco” (Salavisa, 2012).

1.2 O paradigma educativo Cultura Visual e a sua aplicação na abordagem ao ensino artístico

Vivemos uma época de globalização, em que a Escola lida com uma paisagem cultural global, em permanente diálogo com aspetos específicos de culturas nacionais e locais, que por sua vez adaptam e moldam as mensagens globais às suas realidades. É neste contexto que emerge um novo paradigma na abordagem da cultura e educação, denominado "Cultura Visual". Esta forma de olhar para a cultura visual no seu todo, não se cingindo ao estudo das "Belas Artes", caracteriza-se por uma mistura da cultura popular com o estudo das formas de "alta" arte, como as artes plásticas, o design, e a arquitetura (Irvine, 2004). Por outro lado, a Cultura Visual reconhece que a experiência do dia-a-dia surge hoje através de diversos media, e de uma interação entre textos, imagens, e sons e como tal, advoga a presença e a discussão dos diversos meios de comunicação no ensino artístico (Duncum, 2004).

Um dos maiores defensores da aplicação dos princípios da Cultura Visual à educação artística é Paul Duncum⁴. Duncum faz notar que, a partir de finais do século XX, a sociedade tomou um “rumo visual”, sendo que recebemos hoje o entretenimento e a informação de uma forma predominantemente visual (Duncum, Dialog on visual culture and education for the XXI century : an interview with Professor Paul Duncum, 2009). Para este investigador, o termo “visualidade” envolve, não só as imagens que observamos, mas também tudo o que experienciamos numa forma não mediada. A crescente importância da visualidade na experiência contemporânea não implica uma ausência de outras vias comunicativas. É essencial uma leitura transversal de vários códigos de linguagem, tanto visuais como verbais, e

⁴ O Professor Paul Duncum é Director do Departamento de Educação Artística da Escola de Arte e Design da Universidade do Illinois, Urbana Champaign, EUA. Doutorou-se em 1987 na Flinders University (Austrália) com uma tese sobre o desenho espontâneo das crianças. É autor de inúmeros artigos sobre o desenho das crianças, cultura visual e popular e a sua relação com as práticas da educação artística.

a maioria das vezes a informação e o entretenimento são transmitidos pela mistura de vários meios de comunicação, requerendo a aprendizagem de múltiplas literacias.

O estudo da cultura visual implica o reconhecimento da integração do visual noutras formas de representação, ultrapassando assim os limites da sua perceção. É um facto que as imagens aparecem hoje num contexto que é multimodal (Sturken e Cartwright, 2001 segundo Duncum, 2004). Para Duncum “reconhecer que a literacia não pode ser separada do seu contexto social significa ter a noção de que a literacia quase sempre envolve a leitura de textos escritos em associação com outros sistemas de signos” (Duncum, 2004, p. 255). O sentido das palavras é acrescentado pelas imagens e a compreensão plena do texto escrito é sem dúvida reforçada com a componente visual. O significado situa-se entre os vários sistemas comunicativos (Nodelman, 1988 segundo Duncum, 2004).

Duncum (2001) faz notar que uma educação artística baseada nos princípios da Cultura Visual, para além de celebrar e retirar prazer da cultura visual expressa no dia-a-dia, deve também revelar o que se encontra por trás da imagética, dos interesses que esta serve. Shklovsky (1988, segundo Darts⁵, 2004) refere uma desatenção perante o que é familiar, e afirma que através da arte podemos compreender o que se tornou lugar-comum.

Duncombe, considerando a sociedade contemporânea movida por valores comerciais, e a "cultura" definida apenas como um conjunto de objetos e imagens destinados a serem comercializados, refere a necessidade da existência de formas de participação individual e coletiva, de resistência e produção cultural que permitam uma envolvimento na ideologia do dia-a-dia (Duncombe, 2002 segundo Darts, 2004). Duncum também aborda esta questão usando a imagem de “uma guerra que se desenvolve entre as grandes corporações globais, que pretendem definir o indivíduo como consumidor, e outras formas mais antigas de organização social, como os estados nação, que procuram definir o indivíduo como cidadão” (Duncum, 2002). Uma distância crítica perante estas imagens da sociedade de consumo que muitas vezes não dão espaço para uma resposta por parte dos cidadãos pode ser alcançada no âmbito da Escola. O ensino artístico, como é preconizado pela Cultura Visual,

⁵ David Darts é Diretor de Estudos Globais e presidente do departamento de arte da Steinhardt (NYU). A sua pesquisa concentra-se sobre as convergências entre arte contemporânea e media, tecnologia, educação e liberdade.

fornece aos estudantes a oportunidade de imaginar outras formas de existência em sociedade, para além daquela para que Debord chama a atenção, já em 1967: "toda a vida se nos apresenta como uma acumulação de espetáculos. Tudo o que foi anteriormente vivido foi movido para uma representação" (Debord, 1967/77 citado por Mirzoeff, 2002, pp. 142-144). O paradigma educativo da Cultura Visual não rejeita a globalização como destrutiva das culturas locais, antes procura um possível diálogo entre o local e o global, e entre a "alta" cultura e a cultura de massas. Nesta mistura, através de um processo de negociação, se constrói o sentido da informação (Doheny-Farina, 1996 segundo Duncum, 2001), sendo que a cultura global, ao ser integrada numa sociedade com as suas especificidades, é sempre sujeita a um processo de "indigenização" (Appadurai, 1990 segundo Duncum, 2001).

O estudo da cultura visual mistura formas de cultura popular, os media, com o estudo das Belas Artes, do design e da arquitetura. Assume também que a nossa experiência dos media acontece maioritariamente de forma híbrida, numa interação de textos, imagens, e sons. O ensino artístico não pode deixar de ter em linha de conta as imagens impressas, a internet como uma plataforma visual, e os meios digitais multimedia, pois é através desses meios que a informação chega aos alunos, que depois terão que construir os significados dessa mesma informação (Doheny-Farina, 1996 segundo Duncum, 2001).

O professor de artes terá que relacionar-se com a cultura global, considerando não só que esta é a cultura em que os alunos se movem, e que devem compreender e interpretar, mas também que, hoje em dia muitos artistas se integram na cultura popular global e desenvolvem um discurso crítico sobre esta. Por outro lado, não deve ser esquecida a identidade cultural em que os alunos se inserem, sendo que também esta é adaptável e sujeita a influências externas. O professor será aqui um precioso auxiliar no sentido de ajudar os alunos na descoberta e interação com sua herança cultural. Responder às imagens globais, que têm um enorme poder e são muitas vezes aceites sem uma distância crítica, é o objetivo do ensino artístico com um foco na cultura visual. Deste modo, os alunos deverão ser capazes de desconstruir as imagens que lhes são apresentadas, e criar as suas próprias imagens e narrativas.

David Darts, no seu artigo/tese *Visual Culture Jam: Art, Pedagogy, and Creative Resistance* (Darts, 2004, pp. 5-6) argumenta que "a Cultura Visual é uma

direção essencial para educadores artísticos contemporâneos comprometidos com a análise das questões de justiça social e com a promoção de princípios democráticos através do ensino”. Duncum (2001) relembra-nos que, para além de retirar prazer da componente visual do dia-a-dia, a educação baseada na cultura visual tem que se debruçar sobre o que está por trás da imagética - as condições da sua produção, distribuição, e uso. Resumindo, que interesses esta serve.

Para Darts (2004), a prática da cultura visual a partir da sala de aula é, essencialmente, uma tentativa de ajudar os alunos a formar criticamente identidades e produzir sentido das suas experiências visuais diárias. Num percurso que levará a que deixem de estar numa posição de espectadores passivos e passem a um modo de produção e resistência cultural, é tarefa dos educadores ajudar os alunos a fazer sentido, e a responder de forma criativa, às suas experiências visuais diárias. Neste percurso, os alunos devem prestar uma maior atenção às diferenças entre representação visual e verbal nos diversos media (Dikovitskaya, 2005), e cabe ao professor apontar essas diferenças, numa cultura cada vez mais visual.

De que modo todas estas definições de Cultura Visual informaram as minhas aulas, a escolha do tema dos diários gráficos e o seu desenvolvimento? Não existe uma definição única de Cultura Visual no meio académico, nem tal é desejável (K. Staikidis *in* Duncum, 2006). A cultura visual integra de forma natural o dia-a-dia, e os diários gráficos foram o veículo que permitiu a discussão do que é visto, incluindo aqui a arte (na aprendizagem do desenho), a cultura popular (expressa nos diários gráficos apresentados em blogues de diversos autores), e a expressão pessoal de cada aluno, a sua “voz” nos os seus próprios diários.

1.3 O conceito de diário gráfico apresentado pelos seus autores

O significado de um diário gráfico difere entre autores. Ao longo das aulas, procurei apresentar os diversos conceitos subjacentes à construção de diários gráficos, recorrendo à descrição feita pelos vários desenhadores em diários gráficos. Assim, os autores em que me centrei foram autores portugueses ligados ao movimento “Urban Sketchers”. Este movimento internacional foi iniciado por

Gabriel Campanário⁶, nos Estados Unidos. Em Portugal, o blogue Urban Sketchers Portugal foi iniciado em 2008 por Eduardo Salavisa⁷. Este autor de diários gráficos e professor associa o diário gráfico à viagem “o desenho, ao dar-me a sensação de que viajo, faz com que possa viajar na minha própria cidade, no meu dia-a-dia” (Salavisa, 2008).

Para João Catarino, o diário gráfico representa um “vício”, um formato de bolso onde, nas suas palavras “cabe o mundo”. Para este autor, a função do diário gráfico passa por ser um espaço de meditação, um momento retirado à correria do dia-a-dia, a conquista da possibilidade de olhar demoradamente para os objetos e paisagens com que nos deparamos.

Eduardo Côrte-real, formado em arquitetura, assume que, nos seus diários gráficos, o mais importante é o sítio e o facto de estar lá: “Também através da neutralidade duma esferográfica, de um marcador ou de um pincel descartável, espero que o desenho se torne invisível em favor do sítio” (Côrte-Real, 2009).

Na descrição dada por José Louro⁸, encontramos a proximidade e a relação afetiva que se pode atingir com o diário gráfico: “Os cadernos fazem parte da minha vida. Resumem-na. Desenho o que me aparece. Desenho muitas vezes nos mesmos sítios e as mesmas coisas. Gosto de desenhos feitos em situações banais – nas caixas de um hipermercado, ao volante, no meio das aulas.” (J. Louro citado em Linhares & Teives, 2011).

Os praticantes do diário gráfico utilizam-no por motivações variadas: para uns é um auxiliar de trabalho (no caso dos ilustradores, ou artistas, ou até antropólogos que resolvem enriquecer os seus diários de campo com uma componente gráfica), outros ainda usam-no como uma forma lúdica de ocupar o tempo, outros para reterem a memória de uma determinada experiência, uma viagem, um concerto, uma paisagem ou um objeto pelo qual se interessaram. O diário gráfico pode ainda ser o

⁶ Jornalista e ilustrador espanhol. Fundador dos Urban Sketchers, uma comunidade online sem fins lucrativos dedicada a promover a arte do desenho no local.

⁷ Eduardo Salavisa é um autor de diários gráficos que se interessou por este tema pelo registo sistemático do quotidiano que estes permitem, e pelo seu carácter lúdico e simultaneamente didático. É professor no ensino secundário na Escola Secundária Pedro Nunes, em Lisboa. Além de fazer o seu próprio Diário, não só em viagem mas quotidianamente, estuda os de outros autores, utilizando-os nas suas aulas e nas de outros professores, nas quais é convidado a participar.

⁸ José Louro, designer e professor, começou a manter um diário gráfico desde 2001, no âmbito de um mestrado em Desenho da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Hoje em dia vê no diário gráfico um incentivo para desenhar todos os dias e mostra os seus desenhos regularmente no seu blogue, a janela de Alberti: <http://ajaneladealberti.blogspot.pt/>

recetáculo de uma crónica visual, o objeto onde se organizam pensamentos sobre os mais variados temas. E pode também ser tudo o que referi, ao mesmo tempo (no mesmo diário gráfico). Com uma definição tão abrangente, é importante não perder de vista o que unifica todos os diários gráficos, o que os distingue de simples cadernos de desenho. Neste ponto, todos os autores referem que se atribui ao diário um valor que não está presente noutras formas de expressão gráfica. Esse valor está relacionado com a característica de ser estruturante do pensamento e recetáculo de memórias, como objeto íntimo e pessoal que é, possibilitando aos seus autores uma relação mais afetiva, menos fria que aquela que decorre de um trabalho profissional ou escolar.

1.4 A disciplina de Oficina de Expressão Plástica

A disciplina de Oficina de Expressão Plástica, dentro das disciplinas do Grupo de Artes Visuais, apresenta-se de acordo com as competências gerais e específicas de Educação Visual, tendo no entanto um carácter mais prático, livre e experimental, com metodologias que não são aprofundadas em Educação Visual. O objetivo de OEP “não é formar potenciais artistas, mas sim o de desbloquear outros caminhos da comunicação visual” (Escola Secundária Gil Vicente-Grupo de Artes Visuais, 2002-03). Através duma procura constante de fruição, criação e interpretação artística do meio envolvente, é desenvolvido um pensamento crítico sobre o Mundo. O que se pretende é um desenvolvimento do aluno nos planos cognitivo, afetivo e comunicativo.

Definem-se como competências essenciais de OEP “evidenciar aprendizagens significativas do conhecimento através de processos de experimentação na área de expressão plástica; desenvolver estratégias de comunicação visual através da utilização de diferentes materiais e tecnologias; adquirir e desenvolver capacidades nos domínios da comunicação e expressão plástica; adquirir/aprender técnicas de (des)construção e códigos de representação/apresentação; desenvolver a consciência e sentido estético” (Escola Secundária Gil Vicente-Grupo de Artes Visuais, 2002-03). Qualquer que seja o caminho que o aluno siga, mesmo que não opte por uma via das artes, estas competências ser-lhe-ão muito úteis no futuro, pois a componente

criativa está presente em todas as áreas do conhecimento e em todas elas existem códigos de comunicação visual que importa apreender da forma mais correta. A disciplina de OEP configura-se como um laboratório em que, de forma controlada, se testam situações em que os alunos terão de trabalhar em conjunto, denotando respeito pelos colegas e pelo trabalho desenvolvido, terão de relacionar a componente artística com outras áreas do saber e compreender a forma como a expressão artística se integra na sociedade, e finalmente, aprenderão a usar os meios de expressão plástica e a apreciar esteticamente as imagens com que se confrontam no dia-a-dia, emitindo juízos críticos sobre as formas, questionando o seu impacto e a sua importância.

1.5 Nota conclusiva

A escolha dos diários gráficos como objeto de estudo foi motivada por vários fatores determinantes: antes de mais, a própria abertura da Escola Gil Vicente ao desenvolvimento de um currículo em que a ligação com a realidade envolvente estivesse presente. O objetivo foi mudar o foco das Belas Artes tradicionais para um campo mais aberto de expressão artística e cultural, algo que é defendido pelo paradigma cultural e educativo denominado Cultura Visual. Por outro lado, a disciplina de Oficina de Expressão Plástica tem como propósito fundamental, mais que um ensinar de técnicas conducentes à formação de potenciais artistas visuais, uma introdução aos códigos de comunicação visual, procurando-se dar ferramentas para que os alunos consigam decifrar esses mesmos códigos de forma experimental, pelo confronto direto com as imagens do dia-a-dia. Roland Barthes afirma que *“de acordo com a antiga etimologia, a palavra **imagem** deve ser ligada à raiz **imitari**. Desta forma encontramos-nos no coração do mais importante problema relacionado com a semiologia das imagens: pode a representação analógica (a cópia) produzir verdadeiros sistemas de signos e não meras aglutinações simples de símbolos? É possível conceber um ‘código’ analógico (por oposição a um digital)? Sabemos que os linguistas recusam o estatuto de linguagem a toda a comunicação por analogia a partir do momento que essas comunicações não são baseadas num sistema combinatório de unidades digitais como são os fonemas... a opinião geral tem*

também uma vaga concepção da imagem como uma área resistente ao significado” (Barthes citado por Mirzoeff, 2002). Não pretendendo entrar na discussão sobre se as imagens formam uma linguagem, é inegável que estas nos são apresentadas contendo códigos que muitas vezes absorvemos de forma distraída. Guy Debord, no seu texto *A Sociedade do Espetáculo*, fala da sociedade como um espetáculo (ou uma sucessão de espetáculos): *“O espetáculo não é uma coleção de imagens; é antes, uma relação social entre pessoas que é mediada por imagens”* (Debord citado por Mirzoeff, 2002).. Penso que ideia de conferir este poder às imagens, de não serem apenas uma coleção, mas mediar as relações sociais, é muito poderosa, e perigosa, se houver uma utilização abusiva das imagens pelo poder das notícias, da propaganda política, da publicidade e do consumo e entretenimento. Através dos diários gráficos, muitos autores apresentam de certa forma o “outro lado do espelho”, uma expressão visual alternativa aos meios dominantes, e uma forma de refletir sobre o real e suas múltiplas interpretações; as suas imagens também não são coleções de imagens, mas sim vestígios de relações sociais, feitos por indivíduos atentos ao que os rodeia. Eduardo Salavisa fala da importância de estar presente e registrar uma memória, mais que fazer um bom desenho. Eduardo Côrte-Real afirma: *“Procurro fazer desenhos que desapareçam enquanto desenhos em favor daquilo que estou a desenhar... este apagamento corresponde também a estar completamente ligado ao que se está a desenhar. Todos os sentidos devem estar envolvidos”* (Côrte-Real, 2009, p. 50).

2. METODOLOGIA

2.1 Contexto: A escola Gil Vicente

A Escola secundária com 2.º e 3.º ciclo do ensino básico de Gil Vicente situa-se na freguesia de São Vicente de Fora, concelho de Lisboa, integra-se numa das zonas mais antigas de Lisboa, os bairros da Mouraria, do Castelo, de Alfama e da Graça, que é considerado um dos sectores mais pobres e menos letrados da cidade, onde predomina uma população envelhecida com baixo grau de instrução. A população escolar é composta por alunos de proveniências diversas, e de culturas diversas.

“A política do Ministério da Educação entre 2005 e 2010, no que diz respeito às carreiras da função pública e dos professores em particular, nomeadamente com a publicação dos diplomas legais referentes ao Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário, ao Estatuto da Carreira Docente e à Avaliação do Desempenho Docente, bem como as opções tomadas nas diferentes versões do Estatuto do Aluno criaram instabilidade entre o corpo docente e abalaram projetos criados por um espírito de iniciativa e voluntariado, que até então tinham sido considerados pela tutela como um exemplo a seguir.

A Escola, todavia, manteve tanto quanto possível o seu empenhamento na manutenção e dinamização das atividades escolares curriculares e extracurriculares, num espírito de abertura à comunidade. Procurou prestar o que se pretendeu que fosse um serviço público de qualidade, seguindo a tradição que quis dotar esta zona da cidade de um pólo educativo essencial para a sua população, que fosse simultaneamente um exemplo de diferença e de interesse para qualquer um que se reveja nestas conceções.” (retirado do site da escola <http://www2.esec-gil-vicente.rcts.pt/>)

As características da Escola Gil Vicente foram determinantes na escolha dos diários gráficos como tema do meu projeto de trabalho. A escola apresenta uma abertura a atividades menos comuns no currículo académico, nomeadamente no campo das disciplinas artísticas. Os diários gráficos foram um meio que possibilitou que, com materiais económicos, os alunos pudessem interagir com a comunidade escolar. Pretendeu-se criar uma ferramenta de expressão que os alunos pudessem usar em anos letivos posteriores, mesmo em situações de alguma instabilidade e de escassez de recursos.



Trabalhos dos alunos
no espaço escolar

Um recurso de que a escola dispõe é um enquadramento arquitetónico e paisagístico muito rico. Situada Junto à igreja de S. Vicente de Fora, para além de dispor de bastantes espaços verdes, a escola tem também nas proximidades o Panteão

Nacional, as vilas históricas, nomeadamente a Villa Bertha, e também a estação ferroviária de Santa Apolónia. Estes elementos arquitetónicos e paisagísticos podem ser desenhados, contribuindo para tornar a exploração do



Vista da Villa Bertha

desenho em diário gráfico ainda mais interessante. Nesse sentido, foi feita uma visita ao miradouro da Senhora do Monte, com uma vista privilegiada sobre a igreja de S. Vicente de Fora, o castelo e o rio Tejo, e a zona histórica da cidade de Lisboa.



Estação ferroviária de Santa Apolónia



Espaço exterior da escola, com vista para a igreja de S. Vicente de Fora



Panteão de Santa Engrácia

2.2 Caracterização da turma

O grupo que frequenta a disciplina de Oficina de Expressão plástica é composto por 11 alunos (6 rapazes e 5 raparigas) com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos. Apenas um aluno apresentou muitos níveis negativos no ano letivo anterior, o mesmo se passando relativamente a problemas disciplinares registados (apenas um aluno com registo neste domínio). Não existem alunos com retenções repetidas nem alunos com tutoria atribuída. Quanto ao Apoio Pedagógico Acrescido, apenas um aluno deste grupo necessitou desta medida no ano letivo de 2010-11.

Grande parte destes alunos habita com ambos os pais e irmãos, sendo que a formação académica dos encarregados de educação está, na sua maioria, ao nível do ensino básico (9º ano) e secundário. A profissão dos encarregados de educação situa-se maioritariamente no setor do comércio e serviços. Todos os alunos deste grupo são de nacionalidade portuguesa. Deslocam-se a pé para a escola, em percursos que

duram entre 10 e 20 minutos. Todos sem exceção tomam o pequeno-almoço antes de vir para a escola e almoçam uma refeição tradicional (sopa, prato, sobremesa) na escola.

Os dados a que tive acesso indicavam que a turma não apresentava casos problemáticos ao nível de comportamento ou de necessidades educativas especiais. Este facto veio a ser confirmado ao longo das aulas, nas quais os alunos denotaram sempre um comportamento correto e entusiasmo pelas matérias lecionadas. Não obstante o interesse que demonstraram pelo tema dos diários gráficos, alguns alunos apresentaram problemas de concentração e todos os alunos tinham ainda limitações técnicas e algumas inibições no que toca ao desenho de observação, naturais, se tivermos em consideração que se trata duma turma de 7º Ano. A relação com o desenho é mais fácil em alunos de um escalão etário inferior, em que não existem tantos constrangimentos relativamente ao que deve ser “um bom desenho” e o desenho é puramente uma forma de expressão pessoal. Depois, no ensino secundário, alguns alunos adquirem uma capacidade técnica que lhes dá uma maior confiança perante esta habilidade, em que os alunos se dividem entre os que têm “jeito para o desenho” e os que não o possuem. Procurei desmistificar esta questão nas discussões com a turma sobre este tema, argumentando que um bom desenho depende da prática, e não de um jeito natural, e que a qualidade de um desenho depende de outros fatores para além duma suposta verosimilhança com o tema representado. Fatores como a criatividade e a capacidade de expressar ideias originais duma forma gráfica tornam-se muito importantes, algo que mostrei com numerosos exemplos de vários desenhadores.

Notei bastante solidariedade entre os alunos, o que foi muito útil no desenvolvimento dos trabalhos, que se fizeram sempre em grupo. Apesar do diário ser um objeto pessoal, o trabalho em grupo é muito importante, principalmente quando se está numa fase de iniciação. Isto porque o facto de se estar em grupo a desenhar no espaço público de certa forma legitima essa atividade perante um público observador que pode, a princípio, ser intimidante para o desenhador. Por outro lado, a observação e análise do trabalho dos colegas serve como uma forma de incentivo e aprendizagem.

2.3 O uso de diários gráficos em aula

A unidade didática sobre diários gráficos foi uma unidade sobre desenho pois, “Quando nos referimos ao desenho realizado nestes cadernos e ao desenho realizado noutra tipo de suporte, estamos a falar basicamente da mesma coisa. Ambos são um processo, um meio para, um percurso entre o pensar e o registar” (Salavisa, 2008). Por este motivo, iniciei as aulas com exercícios mais convencionais de desenho, e fui introduzindo exercícios mais livres, habituais no diário gráfico.

O diário gráfico pode estar presente nas aulas de componente artística, de forma mais ou menos explícita. Antes de mais é um recurso muito usado pelos próprios professores. Cito aqui dois exemplos, o de Eduardo Salavisa e o de João Catarino, poderia dar muitos outros exemplos de professores que mantêm blogues onde documentam a sua prática sistemática do desenho em diários. Mas estes são dois casos que considero bastante interessantes e diferentes entre si, pois Salavisa dá aulas numa Escola Secundária pública, enquanto Catarino se dedica ao ensino no Ar.Co, uma escola artística com cursos livres, e a dar workshops de ilustração e desenho num contexto mais informal. Tanto um como o outro inserem o diário gráfico em aula, não tanto como preparação para outros exercícios mais específicos, como ilustrações ou esboços para pinturas, mas mais como um instrumento para aquilo que Catarino designa de “ensinar a ver” (Catarino, 2012). Para estes autores, mais importante do que se o desenho fica “bem feito”, é a experiência de estar num local a desenhar com atenção aos pormenores do que é desenhado, decifrando as formas e deixando-se encantar por estas (Catarino, 2012).



Na rua, desenhos de observação de objetos escolhidos pelos alunos

Para começar a usar os diários gráficos em aula, comecei por pesquisar exercícios de iniciação ao diário gráfico que pudessem ser adaptados ao espaço da sala de aula. Escolhi alguns dos exercícios que o professor e autor de diários gráficos Mário Linhares me cedeu e testei a receptividade dos alunos a este tipo de exercícios em cadernos de dimensões reduzidas,



Primeiros desenhos de exteriores, feitos a partir da sala de aula

que experimentavam pela primeira vez. Estes exercícios eram para ser feitos num ambiente familiar e tinham enunciados muito simples, tais como: “desenhar todas as torneiras de casa”, e “desenhar o objeto mais antigo de casa”. Um exercício que quase sempre pode ser facilmente aplicado num contexto escolar é “desenha a janela e a vista da janela”. Neste exercício os alunos podem iniciar-se no desenho arquitectónico de uma forma cómoda e segura. Mas é importante que o diário gráfico extravase o espaço da sala de aula. Como afirma Eduardo Salavisa “só desenhar na sala de aulas, uma ou duas vezes por semana é francamente pouco. E é aqui que entra o diário gráfico, como um grande incentivo a ter-se vontade de desenhar” (Salavisa, 2012). Penso que o objeto “diário gráfico” tem esse poder de atrair os alunos para o desenho.



Os alunos desenharam espécies botânicas nos espaços da escola

Para aplicar o diário gráfico em aula, com alguma abrangência tanto do ponto de vista de conceito, como na sua expressão prática, foi necessário fazer um acompanhamento teórico consistente, com visualizações de blogues de autores e discussão de ideias em grupo, reservando para esse efeito alguns minutos no início das aulas. Por outro lado, o uso do diário gráfico permite momentos em que o aluno trabalha individualmente, por exemplo na aplicação da cor sobre um desenho de observação feito anteriormente no exterior.



Componente teórica, com visualização de blogues de autores de diários gráficos



Aplicação de cor em sala de aula, a partir de desenhos feitos no exterior

2.4 A Unidade Didática: “Diários Gráficos” – Planificação

A Unidade Didática “Diários Gráficos” foi planificada de forma a existir um equilíbrio entre um enquadramento teórico e o trabalho prático nos diários gráficos (ver anexo 1). As primeiras aulas foram mais expositivas, pois os alunos não tinham um conhecimento do que são diários gráficos, qual a sua função, ou a forma como cada autor aborda o diário gráfico. Foram feitas projeções em PowerPoint sobre diários gráficos e também sobre perceção visual (3 aulas de 90 minutos). As aulas seguintes foram práticas, de desenho, com exercícios que visavam uma facilitação da relação com o desenho. A etapa seguinte foi composta por exercícios com o uso da aguarela, uma técnica muito utilizada pelos autores de diários gráficos. Mas, como os diários gráficos não se devem limitar, nem em termos de materiais nem de temáticas, reservei também duas aulas na planificação para a experimentação com colagens e desenho a partir de manchas aleatórias e imagens prévias, com materiais diversos. Ao longo das aulas, sabendo que o uso do diário gráfico não precisa de ser (e normalmente não é) confinado a espaços fechados, procurei ir alargando os locais onde decorriam as aulas, primeiro dentro da sala de aula, mas desenhando os edifícios em frente à escola, depois dentro do edifício, nos corredores, na cantina, aproveitando a bela vista que a escola tem para o rio Tejo, em seguida fizemos desenho de espécies botânicas nos espaços exteriores da escola, e terminámos com uma visita de estudo num dos miradouros da freguesia da Graça, onde os alunos puderam aplicar os conceitos que aprenderam sobre desenho em diários gráficos, e experimentar a liberdade de expressão que este meio permite.

2.5 Metodologia de trabalho

A metodologia seguida na unidade didática “Diários Gráficos” obteve os seus princípios orientadores no paradigma educativo da Cultura Visual, tendo simultaneamente procurado corresponder às linhas propostas pelo Grupo de Artes Visuais da Escola Gil Vicente, no documento “Orientações Curriculares de Oficina de Expressão Plástica” (Escola Secundária Gil Vicente-Grupo de Artes Visuais, 2002-03). Aqui relembro as características de um projeto de trabalho nos moldes da

Cultura Visual, tal como é apresentado por Hernández (Hernández, 1998) e como esse modelo foi aplicado no projeto de iniciação ao diário gráfico:

- Um projeto de trabalho vai além dos limites escolares: a escolha dos diários gráficos foi feita no sentido de sair do meio da escola e entrar no quotidiano do aluno, integrando depois essa realidade na atividade escolar.
- Implica a realização de atividades práticas: a prática esteve sempre relacionada com a teoria apresentada e discutida. Após vermos vários exemplos de diários, chegámos, professor e alunos, a um conceito abrangente de diário gráfico, que depois cada um aplicou no seu diário a seu modo, sempre respondendo a desafios práticos que foram sendo lançados nas aulas.
- Os temas selecionados são adequados aos interesses e ao estado de desenvolvimento dos alunos: para além de exercícios muito simples de desenho, as propostas de trabalho incluíram desenhar e escrever sobre objetos do dia-a-dia dos alunos e outros com os quais tivessem uma relação afetiva (objetos favoritos).
- São realizadas experiências como visitas e presença de convidados na sala de aula: fizemos uma visita para desenhar ao miradouro da Graça, e tivemos a presença do dinamizador do site Urban Sketchers, que apresentou o tema dos diários gráficos e deu uma aula prática.
- Deve ser feita algum tipo de pesquisa: a pesquisa foi feita, tanto através da internet, em blogues de autores de diários gráficos, como no blogue da turma, que foi criado para o efeito, como através da escolha e recolha de objetos para desenhar.
- Deve-se trabalhar com estratégias de busca, ordenação, e estudo de várias fontes de informação: procurou-se integrar nos diários gráficos várias fontes de informação (escrita, desenho, colagens) que se organizou nos cadernos. Tentou-se inculir nos alunos uma característica essencial dos diários gráficos, que podem ser um repositório de ideias e uma recolha de aspetos significativos de uma viagem ou uma reflexão sobre algo que foi visto num simples passeio.

- Implicam atividades individuais e de grupo em relação às diferentes capacidades e conceitos que são apreendidos: ao longo das aulas, foram geridos os momentos de trabalho individual (que é muito importante, no sentido de aumentar o grau de autonomia do aluno) e de atividades em grupo que vão possibilitar que os alunos consigam estabelecer relações entre os conhecimentos adquiridos de forma global e não isolada. É importante que os alunos consigam relacionar vários conceitos num contexto social, perceber como os colegas interpretam determinadas ideias. Desta forma, a aprendizagem torna-se mais significativa do que se for limitada apenas a conteúdos transmitidos e não discutidos.

Preparei um conjunto de atividades e questões orientadoras que promovessem a discussão sobre o conceito de diário gráfico. Antes de mais, assumindo que, como argumentam os defensores da Cultura Visual, “o quotidiano tornou-se visual no sentido em que muito do que nós sabemos do mundo para lá da nossa experiência pessoal é agora mediado principalmente ou significativamente por meios visuais” (Duncum, 2009), tomou-se a opção de fazer uso dos meios digitais à disposição, e esta opção metodológica justifica-se com a procura de usar os meios que os alunos melhor conhecem, visto que vivem numa cultura digital, rodeados de tecnologia. Assim, foram usados meios informáticos, programas como o PowerPoint, Prezi, um site de armazenamento de fotografias (flickr) onde os alunos puderam consultar os trabalhos em diários gráficos que produziram e foram digitalizados, diversos blogues de diários gráficos foram consultados, e foi criado o blogue da turma, onde foi concentrada toda a informação relativa à unidade didática lecionada.

Por outro lado, a Cultura Visual, apesar de admitir uma preponderância da cultura global, não deixa de reconhecer a importância da cultura local, por estar atenta a uma paisagem cultural multimédia de forte pendor tecnológico, não rejeita os meios analógicos mais tradicionais e materiais. A aplicação dos princípios da Cultura Visual na sala de aula pode ser feita com os objetos de escrita e desenho mais antigos e económicos, como uma simples caneta e folhas brancas, pode também recorrer a formas de expressão locais, que põe em diálogo com as formas de consumo globais. Para além de não se limitar a estudar imagens de quadros, ou até de

arte em geral, assumindo como fontes visuais todo o tipo de imagens, a Cultura Visual tem como característica distintiva o facto de, mais que apresentar respostas, colocar questões e ajudar a encontrar as (várias) respostas possíveis. As respostas têm que ser alcançadas pelos alunos, para representarem uma verdadeira aprendizagem. Neste método de ensino cabe ao professor encontrar e apresentar pistas e incentivos para o desenvolvimento de um pensamento crítico e uma expressão artística individualizada. Esta metodologia é muito aplicada no ensino secundário, num diálogo permanente com as imagens, produtos, e conceitos contemporâneos relacionados com a visualidade, ou com uma forte componente visual. Ao nível do ensino básico, esta forma de ensinar pode ser muito eficaz, mas as questões a colocar têm que ser outras, mais centradas na forma de ver e não tanto na crítica às formas de veicular mensagens visualmente pelos meios dominantes na sociedade contemporânea, em que a globalização assume um papel uniformizador importante. A par dos exercícios práticos, fui sempre colocando questões aos alunos, relacionadas com a forma de ver, forma de representar, relação entre expressão verbal e expressão visual, fontes de inspiração para novos desenhos, pesquisa e criatividade... estas questões foram elaboradas como perguntas diretas ou como comentários a frases de diversos autores, e foram entregues aos alunos para que refletissem sobre elas em casa e posteriormente foram discutidas em aula. Eis alguns exemplos de frases discutidas em aula:

Qual a diferença entre um desenho e uma fotografia?

Olá alunos. A frase para comentarem até 5ªfeira é a seguinte: ...reduzir a velocidade com que se percebe um objeto ou acontecimento é a melhor maneira de realmente o ver (e não apenas reconhecer, dando-lhe um nome)...(Elliot Eisner)

Nada é original. Rouba de qualquer sítio que te dê inspiração ou alimente a tua imaginação. Devora filmes antigos, filmes novos, música, livros, pinturas, fotografias, poemas, sonhos, conversas ao acaso, arquitetura, pontes, sinais de trânsito, corpos de água, luz e sombras. Para roubar, escolhe apenas coisas que falem diretamente à tua alma. Se fizeres isso, então o teu trabalho (e roubo) vai ser autêntico. A autenticidade não tem preço; a originalidade é inexistente. E não te preocupes em esconder o teu roubo - celebra-o, se te apetecer. Em qualquer caso, lembra-te sempre do que disse Jean-Luc Godard: (o que importa) não é de onde tiras as coisas, é para onde as levas. (Jim Jarmush) A frase desta semana é muito poética, e, de certa forma, lembra-me o processo como um artista, um designer, um arquiteto ou um realizador de cinema pode fazer um diário gráfico. O que acham, no diário gráfico 'roubamos' alguma coisa? e, se sim, de onde?...

Do atelier para casa e vice-versa vou observando aquilo que me rodeia com outros olhos. Experimentem ser turistas no local onde habitam. De certeza que encontram coisas diferentes pelo caminho nunca vistas até à data. (Ana Ventura). Comenta esta frase de uma artista portuguesa que se aventura pelo mundo da ilustração, arte e design..

As questões foram sendo colocadas ao longo das aulas, sempre em paralelo com a atividade de desenhar no diário gráfico. O objetivo das mesmas é o de que possam ajudar o aluno, num percurso em que este se apercebe do elevado nível de concentração que é necessário ao desenhar, e da possibilidade de uma expressão visual a partir da sua vivência pessoal, prestando uma atenção redobrada às imagens do quotidiano.

2.6 Competências a desenvolver

Sendo que esta unidade didática foi aplicada numa turma de 7º Ano, procurei em primeiro lugar efetuar uma sensibilização e introdução à linguagem e aos códigos de comunicação visual. Através de exercícios em diários gráficos, foi feita uma iniciação ao desenho e ao modo como o desenho pode interagir com outros meios de comunicação visual. Algumas competências técnicas foram desenvolvidas, nomeadamente no correto uso da aguarela e no domínio da perspetiva, mas a principal competência que se procurou estimular foi a de “saber ver” que, como refere João Catarino, é a principal qualidade de um desenhador. Para Catarino, “ensinar a ver é o maior desafio que se pode ter, muito mais interessante até do que se o aluno consiga desenhar bem ou mal, é importante que consiga encontrar novas vias de decifrar as formas e, sobretudo, de se encantar com as formas” (Catarino, 2012). O método para começar a desenvolver esta competência passa por desenhar objetos simples, com muita concentração à relação entre as formas observadas. Mas não basta observar com muita atenção para conseguir desenhar bem. Eduardo Salavisa afirma mesmo que as aulas semanais, uma hora e meia por semana, são manifestamente insuficientes (Salavisa, 2012). O hábito de desenhar com mais frequência é também em si uma competência que se procura estimular através da utilização dos diários gráficos. Procurou-se que, sempre que possível, os alunos transportassem consigo os seus diários, e assim desenhassem em casa, nos seus passeios, e claro, na escola e em todas as aulas de Oficina de Expressão Plástica.

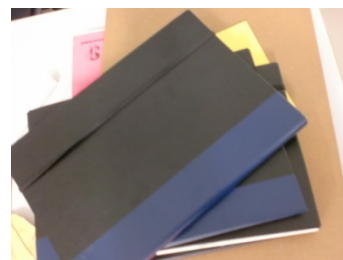
2.7 Materiais a utilizar pelos alunos

Como os diários gráficos são produzidos habitualmente em espaços abertos (são apelidados por alguns autores de “atelier portátil”), os materiais que os alunos usaram foram os mais práticos, que não ocupam muito espaço e são fáceis de transportar. A caneta com tinta resistente à água, por ser um material que está ao alcance de qualquer pessoa e ser fácil de usar em qualquer situação, é o material mais usado pelos autores de diários gráficos, e foi também o meio riscador escolhido para os alunos preencherem os seus diários gráficos. A escolha deste material implica aceitar e acolher o erro, pois a caneta não permite apagar o desenho. Nem existe esse objetivo (de apagar o erro) no diário gráfico.



Os desenhos dos alunos no diário foram feitos maioritariamente com caneta

Este é um ponto importante, o diário gráfico surge em primeiro lugar como um espaço de comunicação do seu autor consigo próprio, um suporte para a reflexão e experimentação gráfica, sem a preocupação de apresentar um trabalho final acabado e produzido para ser exposto. Como tal, procurei que os alunos vissem o diário gráfico como um objeto pessoal e especial. Foram produzidos artesanalmente diários gráficos de capa rija, de maneira a que os alunos vissem o caderno como um objeto exclusivo, e não apenas um caderno comprado num qualquer hipermercado. Isto não significa que o diário gráfico tenha que ser feito em cadernos de grande qualidade, antes pelo contrário, o diário gráfico representa a democratização da expressão artística, pode ser executado com recurso aos cadernos mais baratos, mantendo ainda assim o seu valor expressivo e afetivo. No entanto, tendo em conta que seria o primeiro encontro dos alunos com o diário gráfico, o uso de cadernos mais trabalhados ajudou a criar uma maior empatia com este tema.



Diários gráficos de fabrico artesanal, feitos propositadamente para esta unidade didática

Foram usadas em aula aguarelas, experimentados outros materiais riscadores para além da caneta, como lápis de cor e pastéis secos, foram feitas colagens, salientando o carácter de recetáculo de experiências do diário gráfico.



Aguarela, colagens, e vários materiais riscadores foram experimentados pelos alunos, tanto na sala de aula como em exterior

Estas experiências com materiais diferentes foram feitas na sala de aula, sendo que no exterior existem algumas limitações relativamente aos materiais que se podem transportar e utilizar. Contudo, para além de caixas de aguarela e pincéis com um reservatório, muito usados pelos autores de diários gráficos, cabe a cada desenhador escolher os materiais com que se sente mais confortável. Um bom exemplo é Lapin⁹. Este autor recolhe papéis antigos diferentes do habitual para os seus desenhos, e tem também um conjunto de materiais riscadores diferente do habitual, que transporta sempre consigo no seu estojo.



O kit de desenho de Lapin

Português radicado em Madrid, Richard Câmara¹⁰ é um ilustrador que se dedica também a dar workshops de diários gráficos. Dá-nos uma visão dos materiais mais básicos para registar em diário gráfico: o lápis de grafite, a caneta de tinta permanente preta, a caixa de aguarelas, um pano para secar o caderno e uma mola para o manter aberto, são os materiais mais comuns que usa e sugere aos seus alunos.



Exemplo de materiais usados em diários gráficos, neste caso, do ilustrador Richard Câmara

⁹ Ilustrador Francês, vive entre Paris e Barcelona e viaja diariamente com os seus cadernos, cujas páginas reproduz no blogue *Les calepins de Lapin* (<http://les-calepins-de-lapin.blogspot.pt/>)

¹⁰ Richard Câmara é um desenhador que vive em Madrid. Formado em Arquitetura, os seus desenhos ilustram livros, artigos de jornal, faz exposições. Mantém um blogue em www.richardcamara.blogspot.com, onde, entre outras coisas, mostra o seu processo de trabalho e anuncia workshops de diários gráficos, que produz.

2.8 Materiais didáticos

Sendo este trabalho desenvolvido em torno do diário gráfico, os materiais para a introdução ao seu uso foram, em primeira instância, os diários gráficos de autores com um trabalho reconhecido, desenvolvido de forma sistemática ao longo de vários anos. Os materiais usados por autores de diários gráficos foram apresentados, sendo trazidos por mim, pela professora Dora, e também por Mário Linhares, professor do ensino secundário que se dedica aos diários gráficos e faz também uma divulgação dos mesmos, sendo o dinamizador do blogue *Urban Sketchers Portugal*¹¹ (<http://urbansketchers-portugal.blogspot.pt/>), um ponto de confluência dos autores de diários gráficos em Portugal. Convidei o Mário para dar uma aula com exercícios no diário gráfico, trazendo para tal os seus próprios materiais de trabalho no caderno.

A sala dispõe de um projetor de vídeo e de um computador com ligação à internet. Usando estes meios, foram feitas várias apresentações em PowerPoint, algumas sobre diários gráficos em geral, outras para introduzir trabalhos específicos a desenvolver em aula. Por outro lado, foram apresentados os blogues de alguns autores de diários gráficos. A comunidade de desenhadores em diários abraçou este meio como forma de divulgação do seu trabalho e troca de experiências, e assim, a consulta destes blogues tornou-se um recurso didático inestimável. O reconhecimento do valor da criação de blogues como ferramenta de aprendizagem foi também expresso na criação do blogue da turma (<http://desenhosasolta.blogspot.pt/>), o local onde foi centralizada toda a informação sobre diários gráficos e sobre a evolução do projeto da turma (anexo VII). Este blogue foi criado como forma de comunicar com os alunos, não sendo um blogue feito pelos alunos, foi feito para os alunos, como mais uma fonte de informação a que eles poderiam aceder. E que informação fui colocando no blogue? Toda a que fosse pertinente para as aulas, desde a forma de fazer um diário gráfico de raiz, até aos trabalhos que iriam ser executados, tanto na aula como em casa, imagens dos exercícios que cada aluno já tinha feito, exemplos de diários gráficos, tanto feitos por alunos de vários níveis de ensino como por adultos, uns professores, outros ilustradores, outros simplesmente desenhadores...

¹¹ O blogue Urban Sketchers Portugal conta com mais de 800 membros que aí mostram e comentam os seus desenhos em diários gráficos, e realiza encontros regulares para desenhar, *in situ*.

O blogue da turma mostra também a evolução das aulas. Neste blogue, fui colocando as ideias que pretendi transmitir, a descrição dos trabalhos que iriam ser feitos em aula e fora da escola, todas as imagens e textos que poderiam servir de inspiração para que os alunos produzissem as suas próprias (imagens e textos). No fundo, o blogue transfere para um meio digital a lógica do diário, que é um espaço de reflexão e, quando partilhado, de comunicação. Assim, sendo o blogue um elemento de trabalho, não tem um aspeto polido, com um princípio, meio e fim claramente definidos. Mais importante que o aspeto visual, é ser uma expressão (em texto e imagens) do que foi acontecendo nas aulas, os temas que foram discutidos, os desenhos que foram feitos, as aprendizagens que ocorreram.

A nível de estrutura, o blogue “desenhos à solta” tem, para além das mensagens que fui publicando para serem lidas e comentadas pelos alunos, e que serviam também como preparação para os exercícios propostos, uma zona com ligações às imagens dos desenhos feitos por cada aluno, uma secção com ligações a blogues e sites de autores de diários gráficos (incluindo o site de Eduardo Salavisa diariografico.com, muito importante pelo seu carácter educativo, tendo inclusivamente uma recolha de desenhos em diário gráfico na escola), e uma ligação a textos importantes para a construção de diários gráficos. Quanto à evolução das aulas, uma leitura do blogue revela o percurso que os alunos percorreram, desde as primeiras aulas, em que fizeram exercícios de cópia e de aprendizagem de fundamentos do desenho até à última aula, em que fizeram desenho na paisagem, numa visita de estudo a um miradouro situado na Graça, com uma fantástica vista sobre Lisboa. O blogue revela também como procurei que as aulas refletissem a aprendizagem de um conjunto de questões técnicas (como a perspetiva, os estudos de cor, a relação figura/fundo, entre outras), e ao mesmo tempo entrassem o mais possível nos temas do diário gráfico: a arquitetura e a paisagem, o desenho de figuras/personagens, o retrato, a representação de objetos comuns do quotidiano e a relação entre o texto e a imagem.

2.9 Os exercícios

Exercícios propostos

Trabalhar o diário gráfico num contexto de uma aula foi um desafio entusiasmante mas também um pouco assustador, por ser para mim uma experiência completamente nova, e também não ter uma estrutura já testada que pudesse utilizar, outros projetos com uso dos diários gráficos aplicados em turmas do 7º ano de escolaridade. Comecei por pesquisar o trabalho já existente, principalmente as recolhas de Eduardo Salavisa, e também me baseei nos exercícios criados por Mário Linhares¹², embora em ambos os casos os exercícios a que tive acesso tenham sido concebidos para um outro escalão etário (principalmente alunos do ensino secundário). Os exercícios que estes autores propõem visam retirar tudo o que pode impedir a prática do desenho, por isso os temas são muitas vezes muito simples e pessoais, como desenhar uma peça de roupa ou uma mochila, ou o próprio quarto, ou uma parte do corpo. Outros exercícios mais complexos seriam desenhar um percurso, ou uma profissão, ou os transportes públicos. Estes são exercícios que, por um lado têm uma dificuldade técnica elevada, e por outro, exigem uma maior interação com o público, os observadores que podem inibir o desenhador mais inexperiente. Estas considerações levaram-me à escolha de exercícios que permitissem uma prática do desenho descomplexada, sem me preocupar excessivamente com questões técnicas, valorizando todo o tipo de desenho, e não apenas o desenho realista.

Os exercícios que apresentei aos alunos foram exercícios de desenho, já experimentados em aulas convencionais de desenho, com estudantes de outros escalões etários, a diferença neste caso surgiu na mentalidade perante o desenho, uma mentalidade específica dos diários gráficos, em que o que interessa não é a qualidade do desenho final, mas sim a experiência de estar envolvido num local ao desenhá-lo. O desenho num diário gráfico à partida pertence apenas ao seu autor, que

¹² Mário Linhares nasceu em Oeiras, vive em Sintra e trabalha em Lisboa. Estudou na António Arroio e depois foi para Viana do Castelo estudar Design Paisagístico. Começou desde logo a conjugar o ensino e o design trabalhando em ateliers, entidades públicas, privadas e estabelecimentos de ensino. Coordena os Urban Sketchers Portugal desde 2009 e é director de educação dos Urban Sketchers desde 2013.

não tem que o desenhar de forma a agradar a um observador externo. Num diário gráfico não existe uma maneira correta ou errada de fazer as coisas, não existe um ideal “fotográfico” a atingir. O que interessa é que cada desenhador procure a sua própria forma de se expressar, e por isso escolhi para esta unidade didática exercícios que fossem simples (ideais para uma iniciação ao desenho), abertos (permitissem várias abordagens, mais rigorosas ou mais livres, geométricas ou mais orgânicas, descritivas ou abstratas). Por outro lado, escolhi exercícios típicos do diário gráfico, como desenho de ruas e desenho na natureza, evitando começar pelo desenho de pessoas em movimento, um exercício que pode ser intimidante numa fase inicial, tanto pela dificuldade técnica que encerra, como pela vulnerabilidade que muitos desenhadores sentem ao serem, também eles, observados. Existem situações específicas em que se torna mais fácil ultrapassar o desconforto inicial de desenhar pessoas e ser sujeito à sua curiosidade e crítica, como em museus, eventos, cafés, ou em casa, desenhando elementos da família, sendo que este exercício foi referido mas não posto em prática em aula.

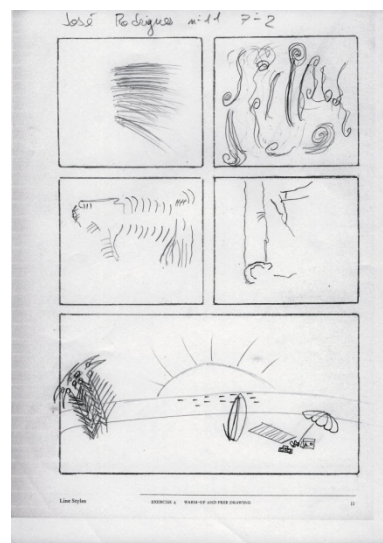
A unidade didática “Diário Gráficos” foi desenvolvida, primeiro com uma introdução ao desenho e ao modo como cada autor aborda o desenho nos seus cadernos, qual a utilidade e o prazer que cada um retira do seu uso. Seguidamente, foram executados vários exercícios, primeiro de introdução ao desenho, depois, de desenho em viagem, fazendo pleno uso do carácter portátil do diário gráfico. O objetivo da sequência de exercícios propostos foi o de assegurar que os alunos desenvolvessem a sua cultura visual e se tornassem mais atentos às formas envolventes, ao mesmo tempo que apreendiam os vários conceitos de diário gráfico e construía a sua própria ideia do que deve estar no (seu) diário gráfico. Após a apresentação do tema a estudar, discutida e participada por todos, foi elaborado um questionário a que os alunos responderam e um documento de reflexão sobre diários gráficos (ver anexos V e VI). Com estes documentos, procurei que os alunos tivessem uma participação mais ativa na construção da unidade didática proposta, em vez de se limitarem a responder a exercícios fechados nos seus propósitos.

A par das aulas com uma componente mais teórica, com exposição de vários exemplos e discussões sobre o modo de abordar o tema dos diários gráficos, os exercícios práticos, que começaram por ser simples exercícios de introdução ao

desenho, em folhas soltas (adaptados a partir do livro de ensino de desenho de Betty Edwards, *The New Drawing on the Right Side of the Brain*), progrediram no sentido de poderem ser integrados numa narrativa, num diário gráfico. Para os exercícios específicos de diários gráficos, fui buscar linhas orientadoras nas propostas dos professores/autores de diários gráficos Eduardo Salavisa e Mário Linhares. Após uma análise destes modelos, apliquei-os com algumas adaptações nas aulas de Oficina de Expressão Plástica.

1º exercício – Linhas com diferentes ritmos

A turma apresentava, de modo geral, um medo do desenho que é característico em muitos alunos do 7º Ano. Este primeiro exercício procura abordar esse receio, motivado por uma noção do que é um desenho correto, muito restritiva, muito associada ao desenho realista. Dando exemplos do trabalho de vários artistas, procurei que tomassem consciência de que existem muitas formas de desenhar, todas com um valor expressivo próprio. Neste exercício os alunos começaram por imitar desenhos de artistas famosos. Ao copiarem estes desenhos, aperceberam-se de que cada um deles implicava uma velocidade de execução diferente, que se relacionava com o resultado final. Para terminar o exercício, fizeram um desenho original “ao estilo” do artista de que mais gostaram. Procura-se neste exercício que o aluno descubra o traço expressivo com que mais se identifica, e que valorize vários estilos de desenho.



2º exercício – Figura/fundo (taça/faces)

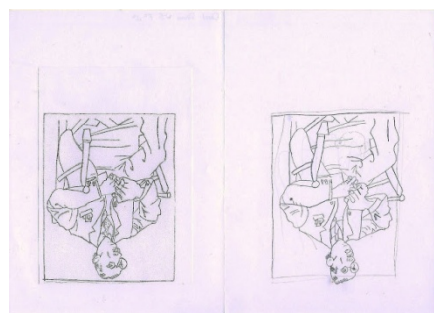
Este é um exercício clássico, em que se procura tornar explícita a relação da representação com o modo como percebemos os objetos. Como noutros exercícios que se sucederam, o objetivo é que os alunos se concentrem nas



relações visuais entre as linhas, e não na representação verbal de um rosto ou uma taça. O facto de nomearmos aquilo que desenhamos afasta-nos de um “modo” visual e dificulta a sua representação. No caso concreto deste exercício, revelou-se muito mais simples desenhar a taça do que as faces simétricas, talvez por termos uma representação verbal muito definida das partes que constituem um rosto e isso torna difícil representá-lo como um conjunto de linhas (o medo de errar é maior). A confusão perceptiva entre taça/faces permitiu “desligar” temporariamente o modo verbal e fazer uma representação visual do que é observado (e não nomeado).

3º exercício – Desenho invertido

A partir de um desenho bastante complexo (o retrato de Stravinsky, por Picasso), os alunos fizeram uma cópia, com a particularidade de terem de olhar para o desenho original verticalmente invertido. Desta forma, perderam os pontos de referência da fisionomia humana, o que fez com que não tivessem que se esforçar para se aproximarem das suas representações mentais prévias de um retrato, mas sim, para desenharem as linhas tal como as observavam; curtas, compridas, com uma determinada inclinação, em determinado lugar na composição... a surpresa para os alunos surgiu quando reverteram os desenhos, a cópia e o original, e constatarem as semelhanças entre ambos, apesar de esta ser uma imagem que era “difícil” de desenhar.



Neste exercício desenhámos com a imagem virada ao contrário. O objetivo foi desenhar linhas, tal como elas são, sem pensarmos se estávamos a desenhar pernas, ou ombros, ou cadeiras...

4º exercício – Desenho sem olhar para o papel

O chamado “desenho cego”, um desenho que se faz sem olhar para o papel, e preferencialmente, sem levantar o lápis ou a caneta ao longo do desenho, é um exercício que permite tomar mais



desenho feito sem olhar para o papel

atenção ao objeto desenhado, captando os seus pormenores sem preocupação com o resultado final. Os alunos fizeram vários desenhos em que não se preocuparam com a forma que é suposto ter o que representaram, mas também não se preocuparam com os limites, o espaço, as sombras, ou com a relação entre as linhas. Apenas olharam com atenção para o objeto desenhado. Este exercício é muito útil para desenvolver uma capacidade importante ao fazer diários gráficos: olhar com uma atenção reforçada para o mundo que se apresenta perante os nossos olhos.

5º exercício – Edifícios

Este exercício está já relacionado especificamente com a prática dos diários gráficos. Evidentemente, podemos preencher cadernos sem representar casas, ruas, monumentos, mas um dos prazeres do desenho em diários está intimamente ligado a estas representações. Por este motivo, resolvi fazer com os alunos estes desenhos, para que comecem a ganhar o hábito e o gosto do desenho da arquitetura e do espaço público, um desafio interessante e exigente do ponto de vista técnico. Os primeiros desenhos de edifícios foram feitos a partir da janela da sala de aula. Desenhos a

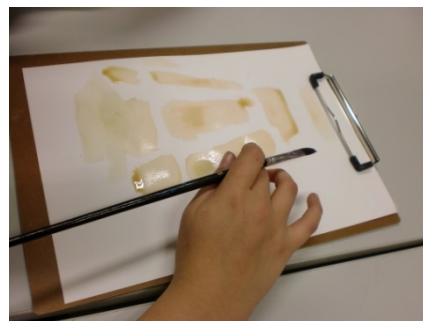


desenho feito a partir da janela da sala de aula

partir de uma janela representam uma boa forma de iniciar o desenho de paisagens (neste caso de paisagem urbana), porque aliam a segurança de um ambiente doméstico com a possibilidade de ver e desenhar o espaço exterior, tendo ainda assim uma barreira contra o interesse indesejado dos transeuntes. Em viagem, as janelas dos veículos de transporte proporcionam sempre novas paisagens a serem desenhadas.

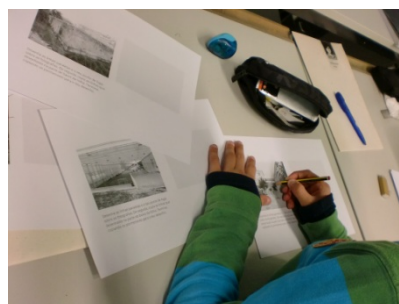
6º exercício – Desenho do espaço vazio/mancha

Este foi um exercício em que os alunos manifestaram bastantes dificuldades, uma vez que é requerida uma capacidade de ver (e desenhar) não o objeto, mas o espaço que circunda o objeto. O objeto escolhido foi uma cadeira, e os alunos desenharam, usando a técnica da aguarela com um pincel largo, o espaço em redor dos vários elementos que compõem a cadeira. Os desenhos resultaram em linhas e manchas onde era difícil ver a representação duma cadeira, mas este exercício serviu para exemplificar como, no desenho, se fazer escolhas e exclusões, e se torna necessário escolher os pormenores mais significativos do que se pretende representar através do desenho.



7º exercício – Perspetiva

Este foi mais um exercício de desenho de espaço urbano, mas agora direcionado para uma aprendizagem de conceitos relacionados com a perceção da perspetiva, tais como pontos de fuga e linha do horizonte. Com o apoio de imagens fotográficas, após um enquadramento teórico e exemplificação, foi pedido aos alunos que desenhasssem sobre as fotografias as linhas convergentes e respetivos pontos de fuga, e situassem na imagem fornecida a linha do horizonte. Foram seguidamente discutidas as deformações e modificações de escala provocadas pela perspetiva.



8º exercício – Ficha/manifesto sobre diários gráficos

Após uma apresentação de vários autores de diários gráficos, das suas ideias expressas em livros, blogues, e claro, nos seus diários gráficos, tomei a iniciativa de escrever em conjunto com os alunos o nosso próprio manifesto sobre diários

gráficos, em que cada um contribuía com ideias suas sobre o que deve ser, o que deve conter um diário gráfico (ver anexo VI). Antes da escrita deste manifesto, fiz uma ficha (ver anexo V). Os alunos estão habituados a responder a testes, é uma linguagem que faz parte da escola, por isso os alunos não questionam o facto de terem de fazer um teste ou ficha de avaliação de conhecimentos, mas esta ficha não teve como objetivo uma avaliação, com uma nota associada. Foi apenas um modo de despoletar a discussão sobre o tema dos diários gráficos. O diário gráfico é um suporte em que a linguagem verbal se cruza com a linguagem visual, pelo que considere pertinente fazer esta reflexão com a turma. Os alunos colaram nos seus cadernos as frases com que mais se identificaram, definindo assim o significado de diário gráfico para eles próprios.

9º exercício – Bichos/personagens

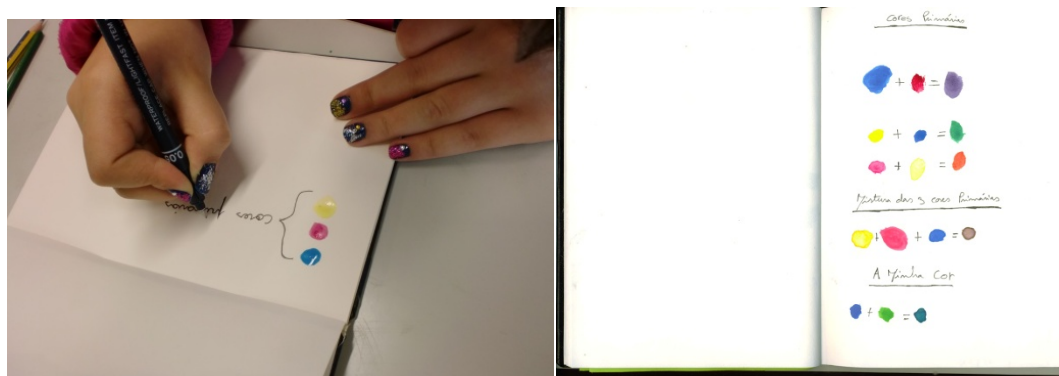
O diário gráfico pode ser feito com os materiais que se encontrem à disposição, e pode ser preenchido com imagens de qualquer objeto que se encontre presente no dia-a-dia do seu autor. Neste caso aproveitámos o facto de termos perto da sala de aula uma vitrina com animais empalhados em exposição, para os desenharmos. Este é um daqueles casos em que o sujeito do desenho surge perante os nossos olhos, no nosso caminho quando nos deslocamos para um determinado compromisso ou simplesmente em passeio. Se nessas alturas dispusermos de um caderno (na verdade qualquer pedaço de papel descartável pode servir) poderemos fazer um registo do momento. Foi também sugerida aos alunos a possibilidade de criar uma narrativa a partir dos desenhos obtidos, algo que se encontra presente no trabalho de muitos autores, tais como pintores, designers, ilustradores, que muitas vezes partem da observação da realidade para criar novas formas por eles imaginadas.



Desenhos de observação, posteriormente coloridos e alterados em aula

10º exercício – Mistura cromática/técnica da aguarela

A par de experimentações de carácter mais lúdico, pretende-se também que os alunos realizem aprendizagens significativas na área da expressão plástica. É neste campo que se inseriu este exercício, com uma aprendizagem de conceitos da teoria cromática, como mistura subtrativa, contrastes de cor, cores frias/cores quentes, etc. Tiveram também uma iniciação ao uso da aguarela, técnica tradicionalmente utilizada nos diários gráficos, devido às suas características (portabilidade, economia, efeito visual).



Exercícios de mistura cromática, em que cada aluno cria um cor preferida

11º exercício – Representação de alimentos/aguarela e lápis de cor

Não só de momentos excepcionais e de representações de viagens memoráveis, vivem os diários gráficos. A representação de objetos comuns do quotidiano (neste caso, os alimentos e embalagens presentes em qualquer despensa) pode ser muito útil no que toca a treinar o traço, experimentar misturas de materiais e variar o desenho. Ao colocar os alunos a desenhar estes modelos banais, procurei transmitir a mensagem de que qualquer forma ou imagem com que nos cruzamos muitas vezes sem prestar atenção, pode ser um bom pretexto para um registo. Neste caso, estes objetos e



alimentos que encontramos facilmente em casa são um excelente recurso para treinar a coordenação motora que depois será muito útil em desenhos mais exigentes e complexos, com a representação de mais elementos em interação.

12º exercício – Espécies botânicas

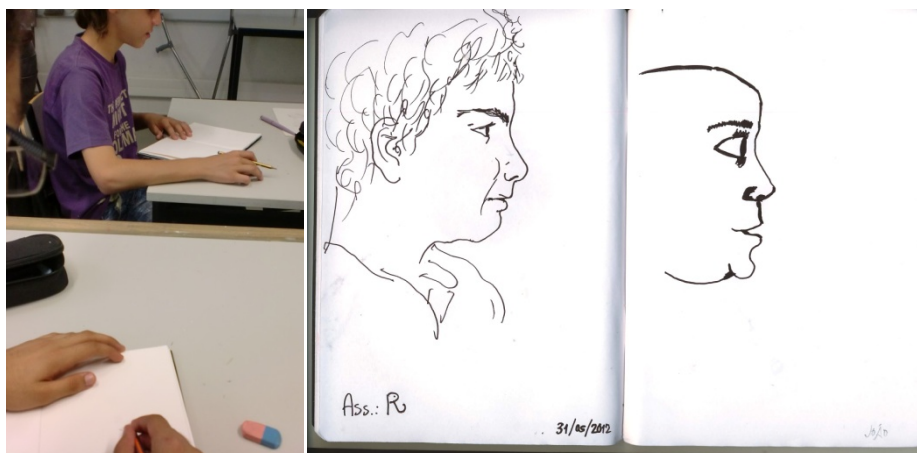
Desenhar árvores e arbustos, e os pormenores das folhas e flores, proporcionou desenhar no espaço público, algo muito do agrado dos alunos em geral, e uma das vantagens permitidas pela portabilidade do diário gráfico, num ambiente de certa forma afastado dos olhares curiosos que se encontram inevitavelmente em sítios mais movimentados. Por outro lado, as formas da natureza constituem uma fonte de inspiração inesgotável, e permitem um treino do traço sem o medo de errar, e, sendo elementos estáticos fornecem a possibilidade de um desenho de observação tão prolongado quanto se pretenda.



13º exercício – Desenho do perfil e desenho de objetos em vários planos/várias linhas expressivas

Este não foi um exercício escolhido nem conduzido por mim. Para a criação, explicação, e execução deste exercício, tivemos a presença do professor Mário Linhares, dinamizador do blogue Urban Sketchers Portugal (<http://urbansketchers-portugal.blogspot.pt/>). O Mário deu uma visão muito completa de como se faz um diário gráfico, quais os princípios inerentes à prática diarística, e motivou a turma a desenvolver o seu próprio trabalho. Terminou a sua aula com dois exercícios, um em que chamava a atenção para a importância de ver com muita atenção com o objetivo de fazer um desenho mais correto, e um segundo exercício, em que os temas principais foram a composição das formas na dupla página do caderno, e como tornar

um desenho mais apelativo usando várias linhas expressivas, com níveis de pormenor diferenciados.



Neste exercício os alunos fizeram grupos de 4, cada um desenhando o perfil do colega em frente

14º exercício – Desenharm na paisagem urbana – colagens

As imagens com que nos confrontamos todos os dias são muitas vezes, não só parciais, mas também fragmentadas. Quando lemos os jornais e revistas, vemos televisão ou “navegamos” na internet, ou simplesmente quando passeamos na rua e surgem os painéis



publicitários no caminho, estamos perante imagens compósitas, que têm uma determinada narrativa construída pelos seus autores. O exercício de colagem que propus foi muito simples, apenas a continuação de uma imagem fotográfica através de um desenho realista. Esta foi a forma de iniciar os alunos nesta técnica, e torná-los sensíveis ao conceito de colagem e ao seu potencial criativo.

15º exercício – Criar a partir de manchas aleatórias

Após explicar regras, métodos, princípios do desenho, tentei, com este exercício, libertar os alunos dos códigos e convenções de representação, que por



Trabalhos feitos a partir de manchas aleatórias, que surgiram como uma libertação das “regras” do desenho

vezes podem “castrar” o impulso criativo. Porque é importante criar um ambiente propício à criatividade, os alunos, neste exercício, começaram por executar manchas e linhas de forma completamente aleatória e sem controlo. Num segundo momento, completaram os seus desenhos com formas que lhes fossem sugeridas pelo desenho e mancha inicial. A importância deste exercício tem a ver com a representação de um mundo imaginado, que é tão “real” para o seu autor como a realidade observada, e também este mundo pode fazer parte do diário gráfico.

2.10 Avaliação e critérios

“Os seres humanos crescem e amadurecem a velocidades diferentes e este pressuposto deverá estar sempre na oficina de expressão plástica. Alunos e professor precisam de refletir sobre as experiências da sala de aula tendo a oportunidade de avaliar a sua progressão. Envolver os alunos no processo de avaliação é também uma forma de coresponsabilização no desenvolvimento do trabalho. A avaliação deverá portanto assentar sobre o desenvolvimento, capacidades, no progresso alcançado, na realização de tarefas e

no atingir de metas propostas. O objetivo desta oficina não é avaliar o talento dos jovens mas sim atender ao grau de envolvimento nas tarefas propostas, imaginação, criatividade e cooperação com o grupo” (Escola Secundária Gil Vicente-Grupo de Artes Visuais, 2002-03, p. 9).

A avaliação foi sendo feita de forma contínua e participada no decorrer das aulas, de acordo com as orientações emitidas pelo Grupo de Artes Visuais (ver anexo II). Ainda, tendo em conta a necessidade de uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido que envolvesse toda a turma, tivemos momentos em que os diários foram colocados abertos todos em conjunto, e foram colocadas questões sobre os resultados dos exercícios, quais estavam mais interessantes, o que se aprendeu, quais os objetivos de um exercício específico, novas ideias para o mesmo tema, ligações possíveis com novos temas, etc. Este rever em grupo dos desenhos feitos foi uma das formas de envolver os alunos em todo o processo de criação da unidade didática, inclusivamente na avaliação das aprendizagens.

3. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 Aprendizagens e modos de trabalho desenvolvidos

Ao longo das aulas, os alunos realizaram um registo sistemático da realidade envolvente, com momentos de trabalho individual e outros em grupo. Mais do que a qualidade gráfica dos trabalhos desenvolvidos como resposta aos exercícios propostos (anexo VIII), as aprendizagens verificadas relacionaram-se com a capacidade de estar a desenhar em grupo sem uma preocupação excessiva com o resultado final e, pelo contrário, um interesse no processo de observação do objeto desenhado, sendo a experiência de estar a desenhar no local o mais importante. Para além desta capacidade, que foi sendo apurada em cada aula, outras aprendizagens foram sendo transmitidas, no que toca às potencialidades do diário gráfico. Ao usar este suporte para executar exercícios escolares, como por exemplo os estudos de cor, procurei transmitir a importância que o diário pode ter, dando uma expressão gráfica ao trabalho, ordenando o que antes se encontrava disperso em folhas soltas, sendo um auxiliar precioso para “colar memórias, marcar vestígios de tempos e espaços” (João Moreno).

3.2 Descrição das aulas

Neste capítulo procurarei descrever as atividades que decorreram ao longo das aulas, as principais ocorrências, o porquê de algumas escolhas, as respostas dos alunos a cada nova proposta, a cada novo conceito, a cada novo meio de comunicação e de expressão...

Na primeira aula foi feita a apresentação e uma avaliação diagnóstica, em que se aferiram os conhecimentos dos alunos no campo da perceção visual e da exploração criativa de formas aleatórias, recorrendo à capacidade de observação e de memorização visual. Este pequeno teste foi uma boa forma de introduzir o tema da relação do desenho com a perceção visual, tema que foi depois abordado através da

projeção de um PowerPoint em que eram mostrados vários exemplos de desenho em vários estilos, várias formas de representar o mundo que têm em conta o mecanismo da visão e os códigos visuais que aprendemos (anexo III). O enquadramento teórico sobre a visão e o desenho foi muito útil, no sentido de reduzir o medo de desenhar de alguns dos alunos, motivado por uma ideia feita de que desenhar é um dom com que se nasce e que quem não o tem não vai nunca aprender a desenhar (como professor, não é raro ouvir o “não sei desenhar” que leva a uma rejeição de sequer começar a riscar). Durante o resto das aulas, a par dos exercícios práticos (que estiveram presentes até ao fim), fui sempre contextualizando a prática, não só com conceitos teóricos, mas com exemplos de artistas, arquitetos, e desenhadores que desenhavam “mal” segundo o preconceito de que desenhar “bem” é fazê-lo de forma realista, de forma a lançar esse debate sobre o que é desenhar bem, que qualidades fazem um bom desenho.

Todas as aulas funcionaram assim em torno de temas que eram discutidos, pesquisados e sujeitos a novas questões, sendo depois avaliadas as conclusões e aprendizagens alcançadas.

CONCLUSÃO

Tendo, entre Fevereiro e Junho de 2012, dado aulas assistidas na Escola Gil Vicente (situada no bairro da Graça), com alunos do 7º Ano na disciplina de Oficina de Expressão Plástica, escolhi como tema das minhas aulas a produção de diários gráficos em contexto escolar. Através da prática do diário gráfico, procurei desenvolver nos alunos um gosto pela linguagem gráfica e uma atenção aos aspetos visuais do seu quotidiano. Ter trabalhado o diário gráfico em aula foi uma experiência nova, também para mim. A questão que coloquei à partida foi se poderia adaptar um meio que tem um carácter muito individualizado, representando uma relação particular de um autor com os seus pensamentos e a sua expressão gráfica íntima, a um contexto formal de um currículo numa disciplina artística (Oficina de Expressão Plástica) do 3º Ciclo do Ensino Básico.

A escolha dos diários gráficos prende-se com o interesse que o tema desperta em mim e também por ser um meio que pode estimular o entusiasmo pela linguagem gráfica nos alunos deste nível etário, pelo carácter emocional que um diário encerra. A disciplina de Oficina de Expressão Plástica, por permitir elaborar um currículo mais flexível do que a de Educação Visual, foi também a disciplina ideal para produzir este trabalho de cariz mais experimental. Não que o diário gráfico não esteja presente na escola. Existe já muito trabalho desenvolvido nessa matéria, mas mais ao nível do ensino secundário e superior, não tanto no ensino básico. No ensino básico, os alunos encontram-se a definir a sua individualidade, a sua identidade, e o diário gráfico é utilizado como uma estratégia para de alguma forma possibilitar aos alunos um papel mais ativo no seu desenvolvimento. Este é sem dúvida um papel importante da educação artística e não só do diário gráfico. Porém, o diário gráfico tem algo de diferente de qualquer outra estratégia de educação visual. Desenvolve-se em cadernos, que são portáteis e podem ser usados em qualquer altura, o que é fundamental para a transferência de conhecimento artístico para o dia-a-dia, e do dia-a-dia para o campo artístico, por isso pode levar os alunos a ser ativos no seu próprio processo de desenvolvimento (o verdadeiro objetivo da educação). Nós inibimos demasiado as crianças no sentido duma aprendizagem "correta", e o diário gráfico é fundamental porque é um auxiliar individual que eles podem usar em qualquer local, em qualquer contexto de forma a poder ajudar ao seu desenvolvimento, e é uma

forma de expressão diferente da expressão escrita. Os alunos são avaliados e a escola incide muito sobre a expressão escrita. Nem sequer é na expressão oral, porque os alunos têm pouco espaço para comunicar as suas próprias ideias. Mesmo a leitura de textos é feita de forma condicionada, de forma a expressar a ideia do autor, sem margem para uma interpretação crítica. Há pouco espaço para desenvolverem outras formas de expressão, nomeadamente a expressão gráfica, porque foram ensinados a valorizar a composição escrita, servindo o desenho apenas para ilustrar a composição, e considera-se que para o desenho ou se tem "jeito" ou não. O pensamento artístico, que é um domínio fundamental do pensamento, pode-se processar por palavras ou por imagens, e nós temos muito poucas possibilidades de desenvolver esta parte de interiorização do código visual. Por isso tudo o que seja um contributo para o desenvolvimento do pensamento visual que é específico e diferente do verbal, deve ser introduzido no processo educativo.

Numa sociedade muito direcionada para a imagem, em termos de bombardeamento, a nível escolar somos direcionados predominantemente para a escrita, as imagens não são muitas vezes minimamente compreendidas. É preciso praticarmos o pensamento da proposta visual. Foi isso que procurei fazer, abordando três eixos estruturantes: fruição e contemplação, comunicação ou expressão, e interpretação e reflexão acerca do mundo à sua volta (eixos que encaixam perfeitamente no tema do diário gráfico). Porque há uma coisa que falta neste discurso dominante na Escola e na sociedade: é que as pessoas não sabem observar, e para esta aprendizagem o diário gráfico é fundamental. O primeiro passo (ou um passo muito importante) para o diário gráfico é saber observar. Desenhem bem ou mal, interessa-me sobretudo que os alunos percebam que têm à sua disposição este meio de expressão, de fácil acesso e permitindo uma grande satisfação com o ato de desenhar de forma livre e sem ter que agradar a ninguém, pois o diário é um objeto de natureza pessoal. Para atingir este objetivo (o de perceberem e desenvolverem um gosto por estes pequenos cadernos de registo gráfico) apresentei à turma este tema, com visualização de vídeos e imagens de um conjunto de desenhadores bastante amplo, discussão de textos, e uma aula teórica e prática dada por um autor já com muita experiência em diários gráficos. Depois, de forma gradual, os alunos da turma 7^{2ª} foram cada vez mais expressando a sua criatividade e individualidade nos seus cadernos, o que foi para mim um prazer observar. Os exercícios que foram feitos em

aula tiveram sobretudo essa função: libertar os alunos de constrangimentos relativamente ao desenho, para que assim eles pudessem experimentar desenhar nos seus cadernos, sem medo de errar. O percurso para o uso do diário gráfico foi apenas iniciado nestas aulas, mas estas foram suficientes para perceber que o mesmo pode ser usado num contexto escolar, podendo até ajudar em exercícios escolares mais convencionais e formais. No entanto, o diário gráfico ganha uma dimensão maior quando permite uma ligação da Escola com a comunidade e com a vida quotidiana. No tempo que estive com a turma 7^{2ª} procurei que os alunos fizessem essa ligação, pois esse será para mim o uso mais interessante para esta nova aprendizagem.



Um passeio, a composição de um lanche, e uma bicicleta: o diário gráfico como registo da vivência do dia-a-dia dos alunos da turma 7^{2ª}

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Câmara, R. (2010). Desenhar é ver. (A. Markl, Entrevistador) Obtido de canalq: <http://videos.sapo.pt/8njD84At5KMSuSADgGSu>
- Câmara, R. (2011). *Richard Camara no Magazine EUROPA CONTACTO (RTPi)* . Obtido de YouTube: <http://youtu.be/5ODc4O9IglU>
- Catarino, J. (2010). *Vídeo: Pegar no cão, na carrinha e partir*. Obtido de expresso.sapo.pt: <http://expresso.sapo.pt/video-pegar-no-ca-o-na-carrinha-e-partir=f617754>
- Catarino, J. (24 de Março de 2012). Feitos em Portugal – Ep.2. [Registo vídeo]. (L. Alves, Entrevistador) Obtido de Vimeo: <http://vimeo.com/39472754>
- Côrte-Real, E. (2009). *The Smooth Guide to Travel Drawing*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Costa, D. d. (1994). *Croquis de Viagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Currículo Nacional do Ensino Básico*. (2001). Obtido em 3 de Fevereiro de 2012, de Direção Geral de Educação: <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>
- Darts, D. G. (2004). *Visual Culture Jam: Art, Pedagogy and Creative Resistance*. A thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy, The University Of British Columbia, The Faculty of Graduate Studies (Department Of Curriculum Studies).
- Dikovitskaya, M. (2005). *Visual culture: The Study of the Visual after the Cultural Turn*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Duncum, P. (10 de Junho de 2001). Theoretical Foundations for an Art Education of Global Culture and Principles for Classroom Practice. *International Journal of Education & the Arts*.
- Duncum, P. (2002). Theorizing everyday aesthetic experience with contemporary visual culture. *Visual Arts Research*, 28, pp. 4-15.
- Duncum, P. (Março de 2003). *Visual Culture in the Classroom*. Obtido de Art Education, Vol. 56, No. 2: http://visualarteducation.wikispaces.com/file/view/Paul+Duncum_Visual+Cult+in+the+Classroom.pdf
- Duncum, P. (2004). Visual Culture Isn't Just Visual: Multiliteracy, Multimodality and Meaning. *Studies in Art Education. A Journal of Issues and Research*, pp. 252-264.
- Duncum, P. (Ed.). (2006). *Visual Culture in the Art Class: Case Studies*. Reston, VA 20191: National Art Education Association.
- Duncum, P. (Julho de 2009). Dialog on visual culture and education for the XXI century : an interview with Professor Paul Duncum. 1-9. (J. P. Fróis, Entrevistador) Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

- Edwards, B. (2001). *The new Drawing on the Right Side of the Brain*. London: HarperCollins Publishers.
- Efland, A. (1995). Change in the Conceptions of Art Teaching. (R. W. Neperud, Ed.) *Context, content and community in Art Education: beyond post modernism*, pp. 25-40.
- Escola Secundária Gil Vicente-Grupo de Artes Visuais. (2002-03). *Orientações Curriculares de Oficina de Expressão Plástica*. Lisboa.
- Freedman, K. (2003). *Teaching Visual Culture: Curriculum, Aesthetics, and the Social Life of Art*. New York: Teachers College Press.
- Hernández, F. (1998). *Transgressão e Mudança na Educação: os Projetos de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- Hernández, F. (2003). *Educación y cultura visual*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- Hernández, F. (2005). *¿De qué hablamos cuando hablamos de Cultura Visual?* Obtido em 28 de Setembro de 2013, de <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12413>
- Hernández, F. (2006). Los Estudios de Cultura Visual. La construcción permanente de un campo no disciplinar. *La Puerta FBA; no. 2*, pp. 89-99. Obtido de Sedici: <http://hdl.handle.net/10915/20035>
- Hernández, F. (2007). *Espigador@s de la cultura visual. Otra narrativa para la educación de las artes visuales*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- Hobbs, J. (2014). *Sketch Your World*. London: Apple Press.
- Irvine, M. (2004). *Introducing Visual Culture: Ways of Looking at All Things Visual*. Obtido de <http://www9.georgetown.edu/faculty/irvinem/visualarts/intro-visualculture.html>
- Linhares, M., & Teives, M. (Edits.). (2011). *Urban Sketchers em Benfca. Viajar pelo bairro com um caderno*. Lisboa: Post. Cooperativa Cultural.
- Louro, J. (2009). *"Making of" de um urban sketch*. Obtido de YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=sSkNt02UEbc&feature=youtu.be>
- Mirzoeff, N. (2000). *An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge.
- Mirzoeff, N. (Ed.). (2002). *The visual culture reader*. London: Routledge.
- Salavisa, E. (2008). *Diários de Viagem. Desenhos do Quotidiano. 35 autores contemporâneos*. Quimera Editores.
- Salavisa, E. (12 de Abril de 2012). Eduardo Salavisa. A drawer of the daily / Um desenhador do quotidiano. [Registo vídeo]. (J. Alfaro, Entrevistador) Obtido de Vimeo: <http://vimeo.com/40228552>
- Sousa, A. (2007). *A formação dos professores de artes visuais em Portugal. Tese de mestrado em Educação Artística, apresentada à Universidade de Lisboa através da*

Faculdade de Belas Artes. Obtido em 27 de Setembro de 2013, de
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/640/1/22344_ULFBA_TES259.pdf

Sturken, M., & Cartwright, L. (2001). *Practices of looking: An introduction to visual culture*. Oxford: Oxford University Press.

Vicente, E. S. (2002-03). *Orientações Curriculares de Oficina de Expressão Plástica*.

Wick, R. K. (2009). *Key Changes in Art Education in the Modern Period – A Gallop through the History of German Art Education*. Obtido em 2013, de Actas publicadas del I Congreso Internacional Los Museos en la Educación. La formación de los educadores: <http://www.readbag.com/educathyssen-fileadmin-plantilla-recursos-investigacion-congreso-actas-icongreso-english>

ANEXOS

ANEXO I – Planificação de Unidade didática: Diários Gráficos.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GIL VICENTE

Escola Secundária Gil Vicente

Disciplina - OFICINA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

7º ano 2ª, turma

Docente - DORA IVA RITA E VASCO COELHO

Ano letivo 2011/2012

Unidade Didática – DIÁRIOS GRÁFICOS

Objetivos	Conteúdos	Atividades/ /Desenvolvimento	Estratégias/ Auxiliares Didáticos	Avaliação	Tempos
1.Compreender a importância de observar, de registar e de refletir de modo sistemático sobre o que nos rodeia; 2.Criar hábitos de registo metódico; 3.Desenvolver a qualidade de registos de observação; 4.Desmistificar o “Jeito” para o	Desenho de retrato; figura humana; objetos; proporção; estrutura; ilustração de histórias ou situações do quotidiano; técnica da aguarela	Desenho a grafite de várias durezas, uso de outros materiais riscadores coloridos (canetas de feltro) de várias espessuras Desafios a executar em casa, no caminho para a escola, no espaço da escola Visita de estudo (miradouro da Senhora do Monte,	Exemplificação do uso dos diversos materiais riscadores e de definição de mancha ppt sobre diários gráficos, introduzindo conceitos, dando uma resenha histórica, e exemplificand	Avaliação contínua com <i>feedbacks</i> e redefinição de objetivos. Autoavaliação no final de cada etapa do desenvolvimento . Avaliação individual e coletiva no final da Unidade	Ppt - 3 aulas. Desenho - 3 aulas. Aguarelas - 3 aulas. Desenho com diversos materiais e colagem - 2 aulas. Realização de desenhos

desenho; 5.Despoletar a criatividade; 6.Compreender a importância do uso do Diário Gráfico inserido em estratégias de ensino/aprendizagem; 7.Fomentar um interesse por livros ilustrados. 8.Encontrar respostas criativas e sustentadas para a realização de um objetivo. 9.Reencontrar e reinventar momentos lúdicos para o lazer dos alunos durante os intervalos. 10.Saber trabalhar individualmente e perceber quando é mais eficiente trabalhar-se em equipa. 11.Saber trabalhar em grupo e perceber a responsabilidade individual nessa situação.		na Graça) Participação no blogue; uso de meios informáticos e de impressão Possibilidade de interdisciplinaridade e com Português (o conceito de diário, gráfico e escrito).	o com alguns autores (possível presença de um criador de diários gráficos)	Didática.	em exterior - 4 aulas Total: 15 a 17 aulas de 90 m
--	--	--	--	-----------	---

NOTA: Eventual colaboração interdisciplinar com a disciplina de Português

29 de Janeiro de 2012

(Vasco Coelho)

ANEXO II – Critérios de avaliação da Escola Gil Vicente na disciplina de Oficina de Expressão Plástica



Agrupamento de Escolas Gil Vicente, Escola Gil Vicente

Departamento - Expressões

Grupo - Artes Visuais

Disciplina - Oficinas de Expressão Plástica

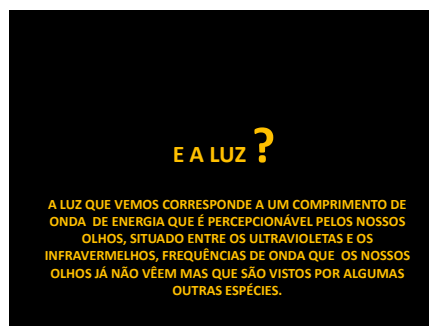
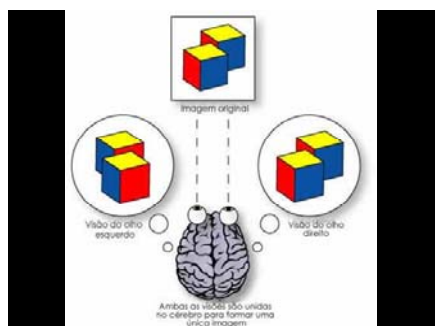
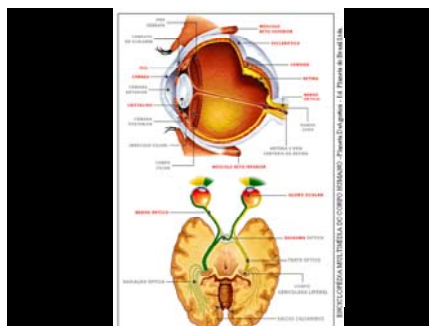
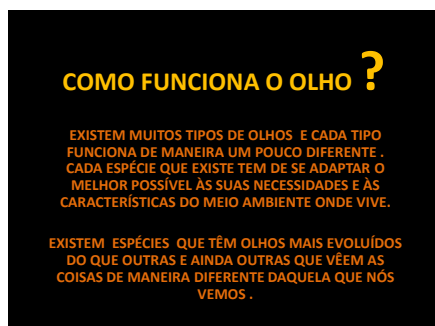
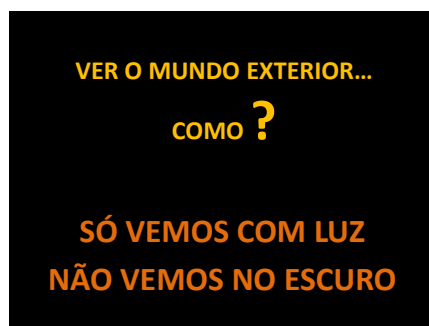
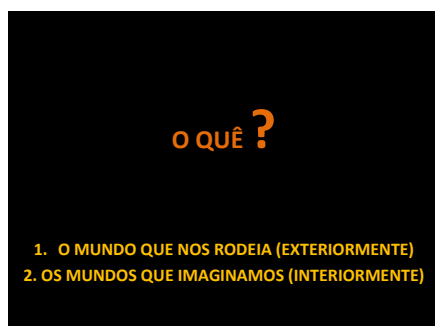
2011 / 2012

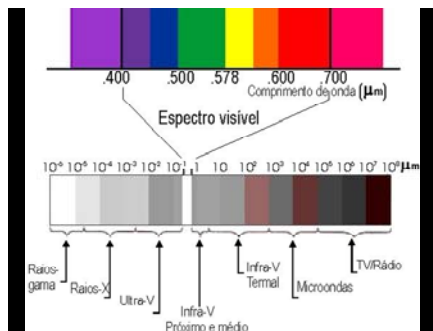
Critérios de avaliação		3º Ciclo 7º ano
Saberes e competências	Domínio das aprendizagens/ /competências essenciais e específicas teóricas e práticas definidas nos objectivos programáticos	50%
	Aprendizagens de carácter transversal	10%
	Criatividade e sentido crítico	20%
Valores e atitudes	Assiduidade e pontualidade Respeito Cordialidade e Responsabilidade nas relações interpessoais Cooperação Empenho Regularidade no trabalho desenvolvido Capacidade de integração no grupo	20%

Planificação				
Conteúdos	7º ano: Sensibilização e introdução à linguagem e códigos de comunicação	Ano Turma	Aulas previstas	
Percepção e Comunicação Visual Exploração plástica			1ºS	2ºS

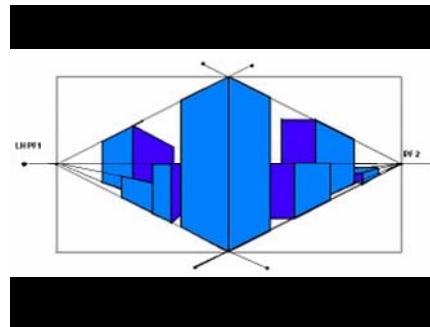
Professor(a) da disciplina

ANEXO III – Apresentação em PowerPoint sobre percepção visual, perspectiva, e modelos de desenho (resumo)





No Renascimento entendem-se as leis geométricas da deformação visual com que os olhos humanos percebiam o espaço (Alberti, *Tratado de Pintura*, 1435), deformação que parece não ser comum a todas as espécies.



O mapa, do mais elementar ao mais sofisticado, é um conceito que passa pela racionalização de uma situação que é passada a esquema para ser comunicada, apropriada e dominada.

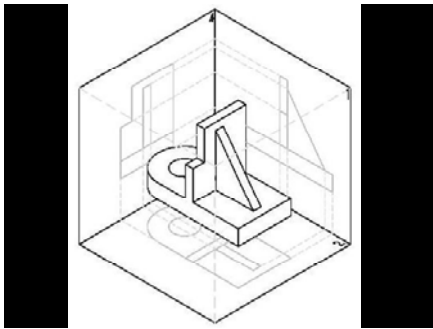
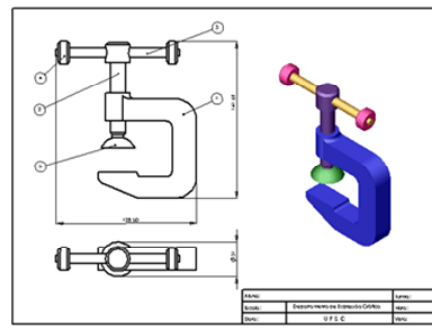


DESENHO EXPRESSIVO
DESENHO DE ILUSTRAÇÃO
DESENHO CIENTÍFICO
DESENHO TÉCNICO

DESENHAR É COMUNICAR







ANEXO IV – Apresentação em PowerPoint sobre diários Gráficos

Diários Gráficos



Diário Gráfico O que é:

- O “Diário Gráfico” serve para o que quisermos que sirva. As mais variadas profissões/atividades usam-no como suporte. No entanto é um suporte com algumas particularidades. Além de ser um objeto pessoal e íntimo, e por isso vocacionado para experiências, é de dimensões transportáveis, o que pressupõe que seja o resultado de um percurso, de um conjunto de experiências ou de situações que aconteceram ao longo de um tempo determinado – que pode ser uma viagem.

IN “DIÁRIO GRÁFICO. LIVRO DE ARTISTAS”
ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO VISUAL
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALMAZAR NEGRINHO

Manifesto Urban Sketchers Portugal

1. Desenhamos in situ, no interior e no exterior, capturando diretamente o que observamos.
2. Os nossos desenhos contam a história do que nos rodeia, os lugares onde vivemos e por onde viajamos.
3. Os nossos desenhos são um registo do tempo e do lugar.
4. Somos fiéis às cenas que presenciamos.
5. Usamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual.
6. Apaioamo-nos uns aos outros e desenhamos em grupo.
7. Partilhamos os nossos desenhos online.
8. Mostramos o mundo, um desenho de cada vez.

- O que distingue um diário gráfico de um simples caderno de desenhos?



- Um diário gráfico conta uma história?



- O que podes escrever e desenharmos num diário gráfico?



- Para que serve um diário gráfico?



- Faz o teu manifesto sobre diários gráficos!

ANEXO V – Questionário sobre diários gráficos



Escola Secundária com 2.º e 3.º Ciclos Gil Vicente

Disciplina: Oficina de Expressão Plástica

Docentes: Vasco Coelho e Dora Iva Ano letivo 2011/2012

Unidade Didática: Diários Gráficos

Nome do(a) aluno(a): _____

Turma: _____ **n.º:** _____

1. Diário Gráfico - o que é:

2. O que distingue um diário gráfico de um simples caderno de desenhos?

3. Um diário gráfico conta uma história?

4. O que podes escrever e desenhar num diário gráfico?

5. Para que serve um diário gráfico?

6. Faz o teu manifesto sobre diários gráficos!

ANEXO VI – Manifesto/reflexão sobre Diários Gráficos

Ideias que tivemos sobre o tema de Diário Gráfico:

1. Para os acontecimentos importantes
2. Conta o que aconteceu no sítio onde estamos
3. Podemos desenhar e escrever
4. Pode ter várias utilidades (estudos, projetos, ...)
5. No diário gráfico, o desenho conta uma história
6. Desenhar no local, no sítio
7. Os desenhos registam um tempo e um lugar
8. Cada um desenha à sua maneira
9. Só pode ter a ver comigo próprio
10. O diário não precisa ser o dia-a-dia das pessoas, pode servir para várias coisas, sentimentos, viagens, acontecimentos...
11. Todos os diários gráficos devem ser interpretados como a pessoa que o desenhou quiser
12. Os diários gráficos que uma pessoa fizer não são para trocar
13. Todos os diários gráficos devem ir para exposições famosas
14. Tem de ser sobre o que eu gostaria que acontecesse no mundo
15. Transportar informação para o meu diário gráfico
16. Mostrar ao mundo o que Portugal tem de melhor
17. Serve para guardar os nossos momentos mais importantes
18. Devemos partilhar os desenhos com outras pessoas
19. Desenhar todos os dias?
20. O diário gráfico deve representar percursos, reais ou imaginados
21. O diário gráfico deve ter pesquisa e recolha, feitas de forma aprofundada e sistemática
22. O conteúdo do diário gráfico é ficção, mas parte duma experiência real, vivida

ANEXO VII – Blogue “Desenhos à solta” (www.desenhosasolta.blogspot.com)



HIPERLIGAÇÕES

- [flickr](#)

TEXTOS E IMAGENS À SOLTA...

- [como fazer as capas para os diários gráficos](#)
- [como coser as páginas dos diários gráficos](#)
- [porquê diários gráficos \(definição Porto Editora\)](#)
- [brainstorm sobre diários gráficos](#)
- [explicação da cena II \(o Fidalgo\)](#)
- [Auto da Barca do inferno - cena II \(o Fidalgo\)](#)

ARQUIVO DO BLOGUE

- ▼ 2012 (21)
 - ▼ Julho (1)
 - Boa tarde crianças e jovens, Espero que estejam a...
 - Junho (1)
 - Maio (8)
 - Abril (11)

BLOGUES SOBRE DIÁRIOS GRÁFICOS

- Urban Sketchers Portugal**
Ericeira
Há 5 horas
- The smooth blog to travel drawing**
a new semester starting at iade-u
Há 11 horas
- Partilha**
Gallery Hostel
Há 20 horas
- desenhos do dia**
Há 1 dia
- mais perto do mundo**
filme
Há 1 dia
- a janela de Alberti**
Reuniões
Há 1 semana
- LAURE SKETCH**
... temporali oltre l'Etna_Castelmola (ME)
Há 1 semana
- Sketchbook Stories - João Moreno**
Workshop Lapin - Caramulo
Há 3 semanas

ANEXO VIII – Exercícios propostos

linhas com diferentes ritmos

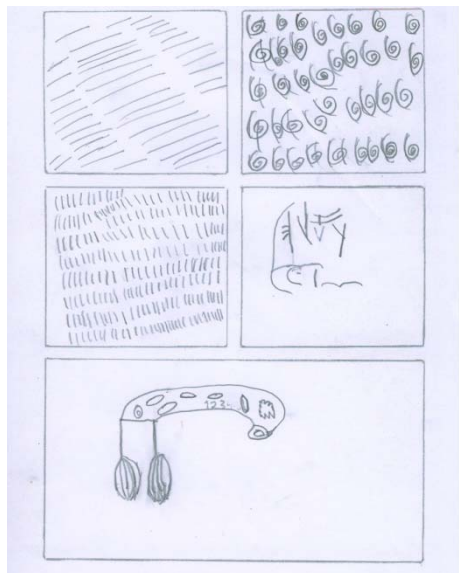
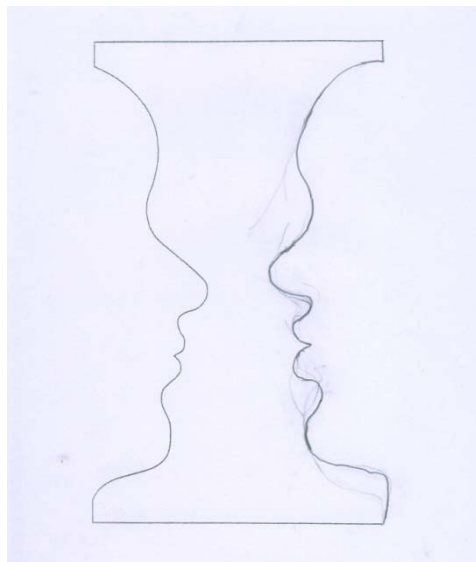
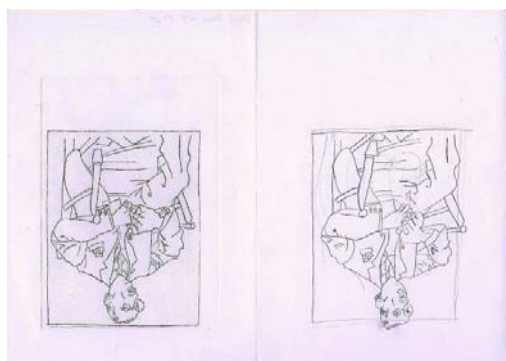


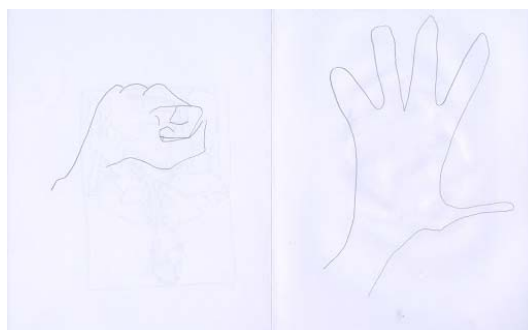
figura-fundo



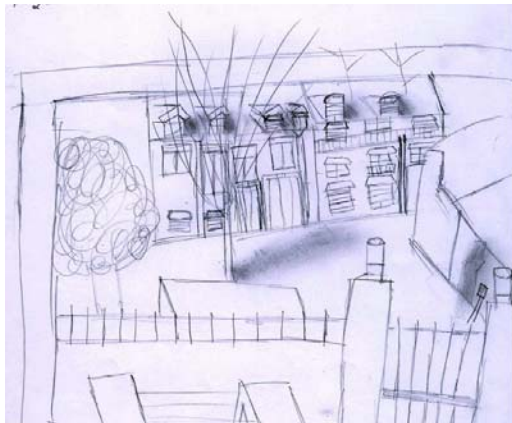
desenho invertido



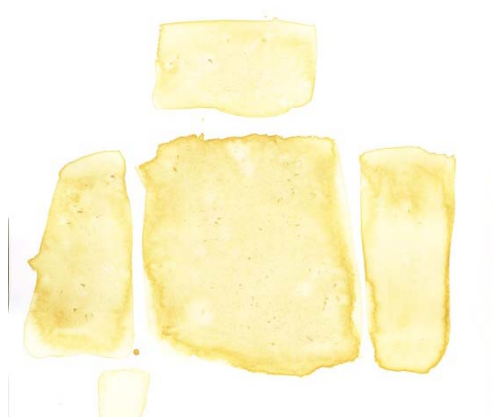
desenho sem olhar para o papel



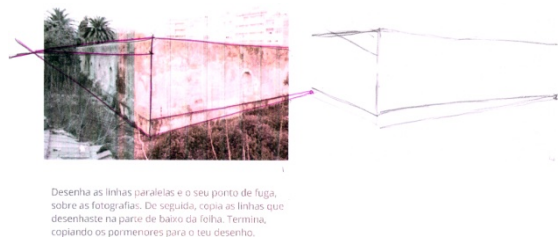
desenho de edifícios



desenho do espaço vazio/mancha



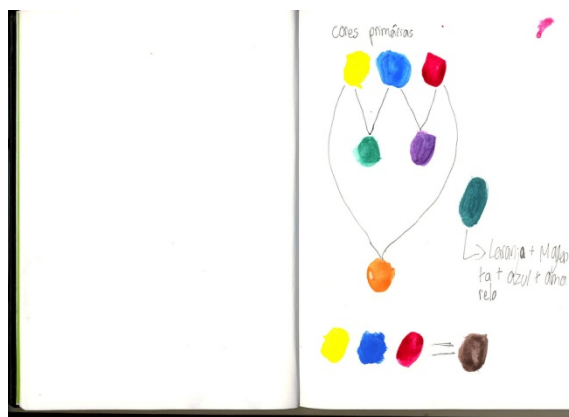
desenho em perspectiva



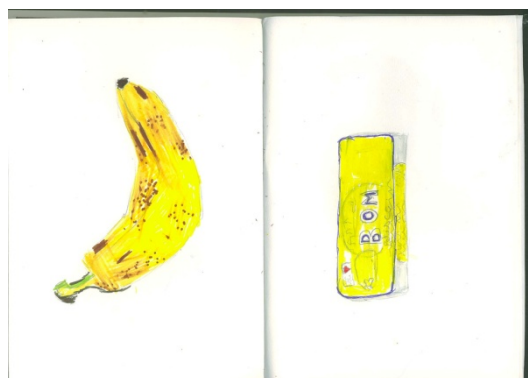
desenho de bichos/personagens



mistura cromática-técnica da aguarela



desenho de alimentos a aguarela e lápis de cor



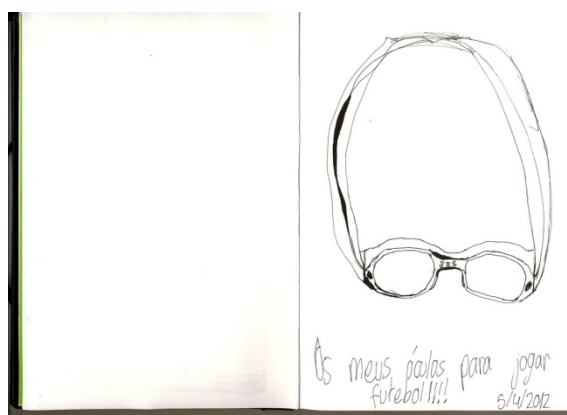
desenho botânico



desenho de perfil



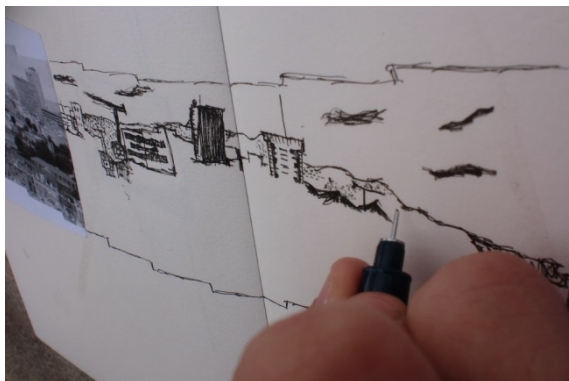
desenho de objetos



Retrato



colagem/paisagem



desenho livre a partir de manchas
abstratas



**ANEXO IX – relatório da actividade pedagógica e didáctica do estagiário
mestrando Vasco Coelho pela professora cooperante do Grupo 600, Dora Iva
Rita**

RELATÓRIO

DA ACTIVIDADE PEDAGÓGICA E DIDÁCTICA DO ESTAGIÁRIO MESTRANDO VASCO COELHO

Enquanto docente cooperante da Escola Secundária Gil Vicente e acompanhante das acções pedagógico didácticas do mestrando professor estagiário Dr. Vasco Coelho, venho relatar o desempenho das actividades lectivas e pedagógicas do mesmo até ao momento.

A actividade pedagógica do docente/estagiário foi de 8 de Fevereiro a 15 de Junho, abrangendo integralmente o semestre e consequentemente o acompanhamento deste grupo/turmas na disciplina de Oficinas de Expressão Plástica.

Caracterização do grupo:

O Grupo a quem a professor está a leccionar é composta por 11 elementos com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos do 7º ano Ensino Básico. É metade da turma, porque a docência da disciplina de Oficinas de Expressão Plástica, sendo Oferta de Escola, é semestral, alternando a outra metade da turma com a disciplina de Educação Tecnológica.

Sublinha-se que nem a professora cooperante nem o professor estagiário conheciam os alunos. Optou-se por realizar uma avaliação diagnóstica utilizada pela profª. cooperante nas outras turmas do 7º ano, por haver mais referências e termos de comparação.

Logo na 2ª aula os alunos não puderam comparecer por terem ido a uma visita de estudo ao Museu de Ciência. Mas curiosamente manifestaram que prefeririam ter aulas de OEP para iniciarem a proposta de trabalho do prof. Vasco.

Esta manifestação de interesse indica que estamos perante um grupo de alunos a quem a primeira aula cativou mais do que a possibilidade de sair da escola em visita de estudo...

Disciplina e conteúdos:

A profª cooperante deu a possibilidade de ser o prof. estagiário a definir, estruturar, planificar, preparar, ministrar e avaliar uma Unidade Didáctica da disciplina de Oficinas de Expressão Plástica do 7º ano.

Sendo uma disciplina de aplicação dos conteúdos de Educação Visual, o programa da disciplina permite uma grande versatilidade de propostas. Assim, optou-

se por um conjunto de conteúdos estruturantes devidamente enquadrados ao nível da metodologia pedagógica.

Planificação:

Na UD intitulada *Diários Gráficos*, formulam-se um conjunto de actividades promotoras do desenvolvimento da percepção e cognição visuais. Estas propostas são integradas numa metodologia pedagógica definida e objectiva.

Assim temos um conjunto de conteúdos estruturantes devidamente enquadrados a um nível de metodologia pedagógica.

Ressalvamos que a UD proposta faz parte de um plano nunca antes colocado em prática pelo Dr. Vasco Coelho enquanto docente, assumindo este período de estágio como um laboratório em que se experimenta sob supervisão conteúdos, estratégias e pedagogias que se pretendem aferir.

Coordenou sempre com muita disponibilidade as aulas com a professora acompanhante, discutindo estratégias e meios.

Docência. Prestação:

Esta visão global, integrada e integradora da planificação manifesta já uma postura muito consistente e responsável do desempenho da docência.

Nas poucas aulas que decorreram, apenas 3 aulas de 90 minutos, o professor estagiário Dr. Vasco Coelho teve um cuidado extremo na preparação de cada uma, aprontando os materiais a utilizar, uns construídos por si outros comprados, desenvolvendo a UD com calma, passo a passo, com *feedbacks*, utilizando como auxiliar a projecção de imagens (em PowerPoint), sugerindo trabalhos de casa aos alunos e cuja resposta tem sido muito positiva (90% dos alunos realizam-no com entusiasmo).

Muito boa interacção com os alunos numa aplicação didáctica, trazendo para as aulas todos os materiais e meios didácticos necessários, utilizando um método de exposição intercalado com tempos de interiorização e de debate, utilizando vários meios e auxiliares didácticos (diapositivos de apoio à exposição oral, acompanhamento da exposição oral por imagens/objecto em suporte de papel, distribuídas individualmente pelos alunos, o que promove um acompanhamento e levantamento de questões diversas, elaboração de fichas de estudo e de aprofundamento de estudo e fichas de exercícios de metodologia gráfica)

Paciente espera pelas respostas nos debates, utilizando motivações diversas para fazer os alunos atingirem os objectivos.

Sem atrasos de chegada às aulas, chegando sempre um pouco antes para preparar o início da aula.

Lisboa, 8 de Março de 2012

Dora Iva Rita